

LEONARDO VILAR COSTA

FORMULÁRIOS PARA GRUPOS ESCOTEIROS

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Desenho Industrial do Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Desenho Industrial.

Orientadora: Prof^a. Mestra Sandra Medeiros

VITÓRIA
2010

LEONARDO VILAR COSTA

FORMULÁRIOS PARA GRUPOS ESCOTEIROS

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Desenho Industrial do Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Desenho Industrial.

Orientadora: Prof^a. Me. Sandra Medeiros

Aprovada em / /

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Me. Sandra Medeiros
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientadora

Prof. Dr. Rogério Antônio Monteiro
Universidade Federal do Espírito Santo

Ricardo Coelho dos Santos
Diretor Vice-Presidente da Região Es-
coteira do Espírito Santo da União dos
Escoteiros do Brasil

À minha mãe, por tudo.

À Luciana, pelo apoio e compreensão.

Ao Dr. Jair Fava, que proporcionou condições para eu iniciar e fazer o meu curso superior.

“Procurem deixar este mundo um pouco melhor do que o encontraram, e, quando chegar a hora de morrer, poderão morrer felizes sentindo que pelo menos não desperdiçaram o tempo e que procuraram fazer o melhor possível. Deste modo estejam “bem preparados” para viver felizes e para morrer felizes.”

Lord Baden-Powell of Gilwell

RESUMO

Formulários são documentos oficiais de empresas, órgãos públicos e instituições, como o Movimento Escoteiro, e visam o arquivamento e a troca de informações. Tais documentos podem ser apresentados a partir do meio digital ou impresso, sendo esta última opção ainda bastante utilizada. Estudos realizados permitiram constatar que grande parte dos formulários se caracteriza por falhas decorrentes da ausência de design, entre as quais a dificuldade de interpretação do que é solicitado e a inadequação dos campos para a inserção dos dados. Compreender a função desses documentos, que fazem parte dos ativos intangíveis das organizações, permite compreender também como este capital da informação é utilizado pelo capital humano e o organizacional. O uso de formulários é recorrente no cotidiano administrativo dos grupos escoteiros que, em alguns casos, possuem mais de 30 modelos para as mais variadas funções. A diversidade de documentos aplicados à mesma função também é grande. O papel do design neste projeto é avaliar as necessidades de cada arquivo a partir da pesquisa e do cruzamento de informações dos diversos modelos, projetando documentos que atendam ao maior número de usuários e que apresentem legibilidade, facilidade na inclusão de dados e distribuição. As referências consultadas permitiram reunir conhecimentos que foram utilizados na concepção do projeto gráfico e na diagramação de diversos formulários. A conclusão dos trabalhos possibilitou aferir que a utilização do design no projeto de formulários gerou os pretendidos arquivos padronizados, caracterizados pela legibilidade, compreensão das informações e com campos adequados para a inserção dos dados. Os estudos permitiram definir também os meios mais adequados para a apresentação e distribuição dos documentos.

ABSTRACT

Application forms are official documents from enterprises, state organization among other institution like the Scout Movement. These formas aim the storage and exchange of information, being presented in a digital form as well as the printed one, being this last one the most used. Studies being held allowed us to verify that big part of the form are caracterized by flaws due to lack of design, among the difficulty of interpretation of what is being solicited and the innequacy of the intangible field of the organization. It is comprehensible to understand the function of theses documents that are part of the not only tangible assets but also it allows the flow of capital and personel assets. The use of forms is common on everyday Scouting activities and, sometimes, you can find more than 30 different forms aiming the same objective. The purpose of the design in the project is cross information of many models and project documents that support the larger number of users. It has to present legibility, easyness in including data and distribution. The references that were consulted allowed a concept of a graphic project and page layout of many forms. The conclusion of these works allowed to conclude that the design of the forms allowed the stardatization, marked by legibility, comprehension of information and showed adequate fields in order to insert data. The studies allowed also the definition of whaat media would be more adequate for the presentation and distribution of the documents

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **P.9**

1 DESIGN P.12

2 ESCOTISMO P. 17

- 2.1 Definição p.17
- 2.2 História do fundador p. 17
- 2.3 Baden-Powell e o Escotismo p. 19
- 2.4 Crescimento e problemas p. 19
- 2.5 Áreas administrativa e financeira p. 20
- 2.6 O escotismo no Brasil hoje p. 22

3 ADMINISTRAÇÃO E ESCOTISMO P.23

- 3.1 Estrutura do Movimento Escoteiro no Brasil p. 23
- 3.2 Formulários e o Escotismo p. 24
- 3.3 Formulários p. 27

4 PLANEJAMENTO E IMPLEMENTAÇÃO 29

- 4.1 Marketing e design p. 29
- 4.2 Planejamento do projeto p. 30
- 4.3 A importância do design para os formulários p. 31
- 4.4 Suportes p. 35
- 4.5 Formulários no meio digital p. 37



5 PROJETO GRÁFICO P. 42

5.1 TIPOGRAFIA p.43

5.2 Alfabetismo visual p. 45

5.3 Símbolos p. 49

5.4 Diagramas p. 49

5.5 Traço p. 51

5.6 Cor p. 51

5.6.1 Nomeando as cores **p. 52**

5.6.2 Utilização das cores **p. 53**

5.7 Projeto dos formulários p. 54

5.7.1 Formato do suporte **p. 54**

5.7.2 Diagrama **p. 54**

5.7.3 Cabeçalho **p. 56**

5.7.4 Tabelas e campos de formulário **p. 57**

5.8 Outros elementos p. 59

5.9 Diagramação dos formulários p. 60

6 TESTES P.61

ADEQUAÇÕES P.63

CONCLUSÃO P.65

REFERÊNCIAS P.68

ANEXOS P.71

INTRODUÇÃO

A partir da análise de diferentes modelos, este trabalho objetiva desenvolver o projeto gráfico de formulários para uso do Movimento Escoteiro, uma instituição sem fins lucrativos que visa a co-educação de crianças, adolescentes e jovens por meio do trabalho voluntário de adultos.

A necessidade apresentada pelo Grupo Escoteiro Ilha de Vitória – com sede na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) – demonstrou que, embora o designer gráfico direcione o seu trabalho ao projeto de livros, revistas, jornais, cartazes, folders, catálogos, cartões, folhetos de divulgação, existe aquilo que se poderia chamar uma papelaria invisível. E que, de igual modo, requer um planejamento cuidadoso, realizado nos mesmos moldes dos trabalhos que garantem a exposição da atuação do profissional.

Entre o que se poderia chamar papelaria invisível estão os formulários, fichas de consultórios, de reclamações e organogramas.

A partir das informações colhidas no Grupo Ilha de Vitória e em outros grupos da Região Escoteira do Espírito Santo, verificaram-se vários problemas, como a inserção de informações incorretas ou de difícil leitura, ocasionando dificuldades na interpretação, na comunicação e administração dos grupos escoteiros. A falta de formulários específicos para certas tarefas e atividades também foi percebida.

Os conhecimentos adquiridos durante o Curso de Desenho Industrial, que são colocados em prática no trabalho cotidiano de diagramação, foram fundamentais ao desenvolvimento do projeto proposto. Foi igualmente fundamental a vivência e o conhecimento do Movimento Escoteiro, que ajudaram a entender as necessidades e a solucioná-las num projeto que privilegia a clareza e a objetividade nas informações dos formulários, possibilitando um preenchimento igualmente claro e adequado, pelos escotistas e pais.

O projeto dos formulários buscou apresentar características como boa leitura, facilidade de inserção de dados, distribuição por meio digital, possibilidade de impressão, nas impressoras dos usuários, em campos com espaços adequados para a inserção de dados a partir da escrita manual e digital. A utilização dos formulários por meio de programas gratuitos, de fácil aquisição e manuseio é também um dos focos do projeto.



O processo metodológico utilizado para o desenvolvimento do trabalho constitui-se em seis etapas, a primeira das quais pesquisa em bibliografia e em outras referências, buscando informações como tipografia adequada, formatos, necessidades do projeto, programas que permitam a diagramação e a distribuição dos formulários.

Os principais títulos usados na fundamentação desta monografia, e desenvolvimento do projeto de formulários para o Movimento Escoteiro, são *Design industrial – Bases para a configuração dos produtos industriais*, de Bernd Löbach; *Impressos e formulários: manual do usuário*, de Luiz Carlos Baroni; *Mapas estratégicos – Balanced Scorecard: convertendo ativos intangíveis em resultados tangíveis*, de Robert Kaplan e David Norton; *A cor como informação*, de Luciano Guimarães. Além desses, apresentam-se como fonte de consulta, ainda, *Projeto Gráfico: teoria e prática da diagramação*, de Antônio Celso Collaro; *Produção gráfica*, de James Craig; *Planejamento Visual Gráfico*, de Milton Ribeiro e *Marketing no design gráfico*, de Carla Niemeyer.

A segunda etapa contempla a análise de similares, tendo como objeto de estudo os formulários coletados. Esta fase permitiu o levantamento das informações que estarão presentes no projeto gráfico dos formulários.

Na terceira e quarta etapas, após a definição de tipografia, formato, cor, apresentação dos campos e outros elementos, iniciou-se o projeto e a diagramação, levando-se em conta pré-requisitos selecionados.

O teste dos formulários realizou-se na quinta etapa, com os membros dos grupos escoteiros dando as suas opiniões para que as adequações necessárias fossem feitas.

A quinta etapa previu também os ajustes necessários e a reunião dos formulários gerados em um banco de dados que permita o acesso a cada formulário por meio de um menu.

A última etapa, a sexta, consistiu na conclusão e finalização, com a reunião dos arquivos gerados junto ao relatório do projeto.

Além desta introdução, portanto, a monografia, intitulada *Formulários para grupos escoteiros*, compreende quatro capítulos, a conclusão, as referências e anexos.

O capítulo um apresenta o conceito, a história e as ramificações do design.

A história e a organização do Movimento Escoteiro é tratada no capítulo dois.

Informações sobre formulários e a importância destes na administração do grupo escoteiro é apresentada no capítulo três.

O capítulo quatro apresenta o desenvolvimento do projeto, as etapas de diagramação dos formulários e a reunião dos documentos gerados em um banco de dados.



A conclusão traz as deduções a partir dos estudos realizados e a aplicação dos formulários.

As referências são compostas pelas obras, documentos e sites consultados durante o desenvolvimento deste trabalho.

Os anexos apresentam os formulários analisados e os documentos gerados.

1 DESIGN

Este capítulo apresenta uma breve descrição da evolução do design e de suas áreas de atuação, tendo por intuito explicar a relação do projeto com o tema deste trabalho, que é a elaboração de formulários.

“O conceito de design muitas vezes causa confusão porque nem sempre fica claro o que se quer dizer com este termo.” (LÖBACH, 2001, p. 16)

A equivocada visão de que **design** e **arte** são equivalentes pode ter contribuído para o fato de haver carência de informações sobre o tema design, em nosso país, destacada por Renata Rubim em *Desenhando a Superfície* (2005, p.83): “Não temos cultura de design em nossa sociedade, em nosso país. Não crescemos com informações no assunto. A grande maioria do nosso povo pode, infelizmente, considerar-se *analfabeta* em design.”

Ivens Fontoura, designer e crítico em design, vê pontos em comum nas duas áreas de conhecimento. Em artigo publicado no site *Design Brasil*, ele afirma: “Arte e Design possuem vários pontos em comum. Trabalham, basicamente, com a criatividade e a emoção das pessoas.” E complementa: “Às vezes, a fronteira entre ambos parece estar distante, principalmente, quando a tecnologia ocupa seu devido espaço; às vezes, parece não existir, confundindo a compreensão de ambos.”

Fontoura aponta também o que não é comum entre os dois campos:

“Uma das principais diferenças entre Arte e Design se encontra no objetivo do objeto. A primeira, a priori, deve criar problema, isto é, estimular a reflexão sobre tudo, desde as pequenas coisas até a grandeza do universo e a simplicidade ou a complexidade da vida, bem como alcançar diferentes níveis de percepção até a sublimação. O segundo, obrigatoriamente, deve resolver problema.”

Mais de um autor acredita que entre os motivos que contribuem para o desconhecimento do significado de design está a confusão que se cria ao achar que design é arte, ou arte é design. Também Villas-Boas analisa o problema.

Villas-Boas (2003, p. 58), afirma que o design nasceu do campo da arte e foi-se deslocando à medida que se profissionalizava como uma atividade, o que lhe conferiu um lugar na esfera produtiva.



Se Rubim afirma que: “[...] nós, brasileiros ainda nos defrontamos com o problema da desinformação, do desconhecimento” [...], a autora Adélia Borges mostra que também fora daqui, mais precisamente nos Estados Unidos da América (EUA), foi necessário uma corrida para tornar claro o que já era presente:

Durante a realização do congresso, o *The New York Times* deu uma matéria de página e meia dizendo que os designers são os novos artistas do século 21. Embora permeie o cotidiano de todo mundo o tempo todo, o design era uma profissão invisível até pouco tempo nos Estados Unidos. No momento, segundo a revista *Time*, é uma das quinze “mais quentes” no país. A febre de matérias sobre o tema inclui veículos como o *The Wall Street Journal* e o *USA Today*. (2003, p. 60)

As conclusões dos autores citados a respeito do pouco conhecimento sobre o que é design, o seu campo de atuação e sobre a confusão de que design e arte são a mesma coisa, deixam claro: é necessário saber quem produz, como nasceu e o que é design, para entender como ele está presente em nosso cotidiano.

De acordo com Rafael Cardoso, o design toma a forma como é conhecido hoje, a partir da industrialização, com a transição da produção das pequenas oficinas para as grandes fábricas, que necessitavam de objetos projetados para produzi-los em série. A eliminação de um especialista, que monopolizava todo o processo de fabricação, isto é, a partir da criação da divisão de tarefas entre vários trabalhadores, assegurou-se uma maior produção com melhor controle sobre a mão-de-obra.

Dentro deste contexto, a figura do profissional de design se apresenta da seguinte forma, de acordo com o autor (CARDOSO, 2004, p. 25):

“Os primeiros designers, os quais têm permanecido geralmente anônimos, tenderam a emergir de dentro do processo produtivo e eram aqueles operários promovidos por quesitos de experiência ou habilidade a uma posição de controle e concepção, em relação às outras etapas da divisão de trabalho.

A transformação dessa figura de origens operárias em um profissional liberal, divorciado da experiência produtiva de uma indústria específica e habilitado a gerar projetos de maneira genérica, corresponde a um longo processo evolutivo que teve seu início na organização das primeiras escolas de design no século 19 e que continuou com a institucionalização do campo ao longo do século 20.”

A confusão entre design e arte dá-se, acredita Cardoso, pela influência das vanguardas artísticas na área do design gráfico, culminando com a aparição de diversos nomes do design gráfico moderno, que vieram do Construtivismo russo, do Movimento De Stijl na Holanda e da Bauhaus na Alemanha. (CARDOSO, 2004, p.14)

Entendendo-se o design hoje conhecido e sua história a partir da revolução industrial e dos movimentos artísticos, resta definir o que vem a ser design.



De acordo com o mesmo autor (2004, p. 14):

“A origem imediata da palavra está na língua inglesa, na qual o substantivo *design* se refere tanto à idéia de plano, desígnio, intenção, quanto à de configuração, arranjo, estrutura (e não apenas de objetos de fabricação humana, pois é perfeitamente aceitável, em inglês, falar do design do universo ou de uma molécula). A origem mais remota da palavra está no latim *designare*, verbo que abrange ambos os sentidos, o de designar e o de desenhar.

A maioria das definições concorda que o design opera a junção desses dois níveis, atribuindo forma material a conceitos intelectuais. Trata-se portanto de uma atividade que gera projetos, no sentido objetivo de planos, esboços ou modelos.”

Design, como assegura a especialista em *branding* e *marketing* Ellen Kiss, em artigo para o site Design Brasil (2005), “é a ferramenta utilizada como resolução de um problema.”

Outra explicação para design é dada por Adélia Borges (2003, p. 16):

“Design é a única maneira de buscar e expressar o diferencial de qualidade dos produtos e serviços num mercado cada vez mais competitivo e mais “igual”. Não é uma maquiagem superficial, nem um enfeite que se acrescenta quando o produto está pronto, o chantilly ou a cereja em cima do bolo. Design tem a ver com o bolo todo: a farinha que será usada, o jeito de juntar o mexer os ingredientes, o tempo e a temperatura do forno, o sabor, quantos e quais recheios serão usados, e como ele será montado e decorado ao final. É, portanto, um processo de concepção integral dos produtos.”

Villas-Boas aponta as áreas e sub-áreas do design e explica o que vem a ser design:

“Para que estivessem exercendo design, seria necessário haver projeto. É através da atividade projetual, que o “desenhista industrial coteja requisitos e restrições, gera e seleciona alternativas, define e hierarquiza critérios de avaliação e engendra um produto que é a materialização da satisfação de necessidades humanas, através de uma configuração e de uma conformação palpável” (Moraes, 1993)” (2003, p. 22)

“Design ou Desenho Industrial – a área de conhecimento e a prática profissional como um todo. Embora dê preferência ao termo em inglês, a expressão oficial em português se mostra mais adequada quando na referência aos cursos de graduação no país, por se adotada pelas instâncias oficiais de ensino e pesquisa. Projeto de produto – uma das tradicionais habilitações profissionais do desenho industrial, conforme regulamentado pelo MEC. Programação visual – a outra habilitação tradicional do desenho industrial. A programação visual se divide em diversas sub-áreas que têm como ponto comum o ordenamento de elementos estético-formais textuais e não-textuais com objetivo comunicacional expresso. Em geral, objetos de programação visual tem suportes predominantemente bidimensionais e são realizados para reprodução, mas isto não é uma regra aplicável a todas as suas sub-áreas.” (2003, p. 42)



A tabela a seguir, adaptada pelo professor Antônio M. Fontoura, da pós-graduação em Design da Universidade Federal do Paraná, apresenta as disciplinas do design gráfico e suas características. Foram destacadas em grisé as áreas em que este projeto se situa:

DISCIPLINAS	PRODUÇÕES	CÓDIGO	ESTRATÉGIAS	EFEITOS SOCIAIS
Design Editorial	Livros Revistas Periódicos Publicações em geral	O texto A ilustração A cor A página A diagramação	A seqüência de páginas A comunicação	Informações a respeito dos acontecimentos Opiniões
Design Publicitário	Prospectos Catálogos Anúncios Folders	Slogans Imagens Textos Marcas Cores	Motivação Difusão Repetição	Persuasão Estimulação de atos de compra e consumo
Design de Embalagens	Pacotes Caixas Etiquetas Rótulos Envases	O objeto gráfico Marcas Cores Logotipos Imagens Textos	Proteção de produtos Publicidade Informações para o usuário	Persuasão Hábitos de consumo Informação indutiva
Design de Identidade	Marcas Logotipos Planos de Identificação	Emblemas Tipografia Simbologia Cores Sistema de desenho	Instantaneidade perceptiva Personalizar as comunicações visuais	Identificação Imagem de marca de produtos Empresas e instituições
Design de Sinais (Sinalética)	Planos e circuitos especiais de informação	Pictogramas Ideogramas Formas Cores Textos	Instantaneidade perceptiva Sinalização do espaço de ação dos elementos físicos (balizamento)	Orientação no espaço de ação para uso dos indivíduos itinerantes
Design Técnico	Esquemas Projetos Planos Mapas Organogramas Fluxogramas	Gráficos Redes Códigos específicos de cada disciplina	Apresentação de fenômenos, Processos, idéias, magnitudes que nem sempre são de natureza ótica	Didatismo Transmissão de conhecimentos Autodidatismo
Design Multimídia	Cds Home pages Tratamento de imagens	Imagens Textos Cores Som	Apresentação de informações via computadores	Didatismo Transmissão de conhecimentos

Conclui-se, portanto, que design é uma atividade que necessita de métodos projetuais, assegurando o desenvolvimento de produtos com os requisitos necessários à sua função, tais como ergonomia, legibilidade e usabilidade.



O campo de atuação do designer torna-se, gradualmente, conhecido no Brasil, ao contrário de outros países, onde esta profissão tem recebido atenção especial em vista das experiências bem sucedidas, em que equipes de designers conseguiram projetar produtos inovadores e, por muitas vezes, reduzir os custos de produção.

2 ESCOTISMO

Este capítulo sobre o Escotismo tem como objetivo explicar a origem do Movimento e mostrar os problemas administrativos, econômicos e sociais pelos quais este passou e tem passado.

Acredita-se que a partir da leitura deste capítulo será mais fácil entender a necessidade dos formulários para a administração dos grupos escoteiros que, desde a fundação do Movimento vêm sendo gerenciados por voluntários.

2.1 Definição

A obra *Princípios, organização e regras da União dos Escoteiros do Brasil* define os propósitos e apresenta os princípios do Movimento (POR, 2009, p. 10):

O Escotismo é um Movimento educacional de jovens, sem vínculo a partidos políticos, voluntário, que conta com a colaboração de adultos, e valoriza a participação de pessoas de todas as origens sociais, raças e credos, de acordo com seu Propósito, seus Princípios e o Método Escoteiro concebidos pelo Fundador Baden-Powell e adotados pela UEB.

O Propósito do Movimento Escoteiro é contribuir para que os jovens assumam seu próprio desenvolvimento, especialmente do caráter, ajudando-os a realizar suas plenas potencialidades físicas, intelectuais, sociais, afetivas e espirituais, como cidadãos responsáveis, participantes e úteis em suas comunidades, conforme definido pelo seu Projeto Educativo.

Os Princípios do Escotismo são definidos na sua Promessa e Lei Escoteira, base moral que se ajusta aos progressivos graus de maturidade do indivíduo.”

2.2 História do fundador

Contribui para um conhecimento mais aprofundado do Movimento Escoteiro saber a história do seu fundador, Baden-Powell e também a história do próprio Movimento.

Laszlo Nagy, cidadão suíço de origem húngara, sociólogo, historiador e doutor em ciências políticas, ex-jornalista e autor de vários livros, durante dois anos realizou um estudo do Movimento Escoteiro internacional e como resultado foi



convidado a assumir o cargo de chefe executivo da Organização Mundial do Movimento Escoteiro, cargo que ocupou por mais de dezessete anos. A partir da experiência adquirida escreveu o livro *250 milhões de escoteiros*, que apresenta a história do Movimento e a de seu fundador a partir da visão de um administrador, focando principalmente nas questões sociais e administrativas que contribuíram para a criação do Movimento na Inglaterra e a sua expansão para quase todos os países do mundo.

Para Nagy, apresentar o Movimento Escoteiro sem falar de Baden-Powell, “seria incorrer no mesmo erro” que “escrever um livro sobre Budismo, sem mencionar Buda [...]”. (1987, p. 13)

O núcleo familiar do fundador é melhor compreendido por meio das pessoas que o compunham e do posicionamento delas diante da sociedade inglesa do século XVII.

Da união entre os Powell e os Smyth nasceram sete crianças, entre as quais Robert Stephenson Smyth Powell, que estava com três anos de idade quando o pai faleceu.

Baden Powell não era um aluno brilhante nas disciplinas tradicionais, mas compensava as notas baixas com seus talentos artísticos e a propensão natural para atividades ao ar livre. Ao terminar o que hoje se equipararia ao ensino médio, tentou ingressar no ensino superior, mas não obteve êxito.

O pessimismo quanto ao futuro acadêmico levou Powell a realizar exames competitivos para admissão a uma escola de treinamento de oficiais. Havia 90 vagas para a infantaria e 30 para a cavalaria: classificou-se em quinto lugar entre 718 candidatos para a infantaria e em segundo lugar para a cavalaria.

“A maioria dos traços característicos, que deveriam moldar o destino de Powell na vida civil, foram revelados durante sua carreira militar” (NAGY, 1987, p. 26).

Alguns fatos foram determinantes para a elevação de Baden-Powell como herói nacional inglês e a conseqüente criação do Movimento Escoteiro.

Ocupando vários cargos militares em Malta, atuou como oficial no serviço de informações e como espião na Albânia, Grécia, Turquia, Tunísia, Bósnia-Herzegovina e outros países.

Em Gana a missão de Baden-Powell era participar de uma campanha de pacificação dos ashantis. Ele formou e conduziu uma companhia de soldados locais, construindo caminhos para as tropas regulares e garantindo a segurança dos depósitos, bases de campo e comunicações.

Atuando como chefe do quadro de pessoal do General Sir Frederick Carrington, Baden-Powell ajudou a subjugar a revolta em Matabeleland, onde várias



tribos foram expulsas de suas terras pelos boers. Durante a campanha escrevia o livreto sobre reconhecimento e escotismo, posteriormente reeditado sob o título de *Aids to Scouting for N.C.O.s. and Men (Ajudas ao Escotismo, para Homens e Oficiais-não-Comissionados)*. Neste livro o autor sugeriu a formação de pequenos grupos de treinamento. Os esboços do futuro Movimento Escoteiro começavam a se formar.

O acontecimento decisivo para a glória de Powell e para o início do Movimento Escoteiro foi a vitória conseguida pelo militar no cerco de Mafeking.

Resistindo a um grande exército que era pelo menos, três vezes maior, Powell permitiu que grande parte das desorganizadas tropas britânicas se reagrupasse para um contra-ataque enquanto ele defendia a cidade.

O cerco de Mafeking tornou Baden-Powell um dos homens mais famosos de seu tempo, tornando-o um ídolo para a juventude em todo o mundo quando decidiu voltar as costas para todas as formas de violência e colocar o capital de sua fama militar à disposição do Movimento educacional não militar.

2.3 Baden-Powell e o Escotismo

Após a saída da vida militar Baden-Powell dedicou-se a escrever um livro voltado para os jovens, o livro *Escotismo para rapazes* que tornou-se *best-seller* e foi traduzido para tantos idiomas como a *Bíblia* e *Guerra e Paz*. (NAGY, 1987)

Um dos motivos que levou Baden-Powell a criar o Escotismo pode ser entendido a partir das suas próprias palavras, citadas por Nagy (1987, p. 55): [...] Quando viu – como ele próprio escreveu – “milhares de rapazes e meninos pálidos, de peitos estreitos e magros, corcundas, espécimes miseráveis, fumando incessantemente, um grande número deles esmolando...” a sua opção foi decisiva.

Trinta e quatro anos após a fundação do Escotismo, no dia 9 de janeiro de 1941, em seu retiro em Nyeri, África, Baden-Powell morre, mas isso não significou o fim do Escotismo.

2.4 Crescimento e problemas

Sobre a rápida expansão do Escotismo pelo mundo ela foi recebida, no início, com surpresa por Powell que não imaginava que o Movimento se internacionalizaria. Com a expansão vieram os movimentos que tentavam copiar o que havia sido recém-criado na Inglaterra.

O Escotismo foi condenado pelos que o julgavam um movimento militarista e pelos que o consideravam excessivamente pacifista. A Igreja o criticou devido à falta de conteúdo religioso.



Apesar dos problemas, o Movimento formava cidadãos que viriam a ser Chefes de Estado, como os presidentes Taft e Teddy Roosevelt, que apoiavam o Escotismo, Ronald Reagan, Bill Clinton, George Bush e Barack Obama¹. No Brasil, dentre os políticos que ocuparam os cargos de presidentes e vice-presidentes podem ser citados Washington Luiz, Juscelino Kubitschek, Ernesto Geisel, João Figueiredo, Itamar Franco e José de Alencar.

Com a deflagração da Primeira Guerra Mundial o Movimento passaria por grandes provações, sendo opinião geral que seria o fim do Escotismo no mundo, pois havia escoteiros em lados opostos do conflito.

Em determinados países, os líderes políticos estavam receosos a respeito de um Movimento juvenil organizado, que possuía sua própria estrutura e rede de comunicações. Em alguns casos tentaram infiltrar-se nas organizações. Em outros países o Movimento foi simplesmente abolido, como na Itália de Mussolini que estava seguindo o exemplo de Lenin e Stalin, e, posteriormente, Hitler e Franco.

Na eclosão da Segunda Guerra Mundial havia pouco mais de três milhões de escoteiros em todo o mundo. Dois anos após o fim das hostilidades o número de filiados ao Escotismo tinha crescido para mais de 4 milhões, em 43 países.

Nagy (1987, p. 15) também avalia a modernização do movimento após as guerras:

Manter os aspectos coloniais e imperiais do Escotismo primitivo seria quase tão absurdo como censurar um homem do século dezanove por não viajar a 1000 quilômetros por hora, ou condenar Luiz XVI por não ter lido Lenin. O fato é que se o Escotismo não tivesse se ajustado harmoniosamente em seu ambiente social, nunca teria se tornado o que é hoje.

2.5 Áreas administrativa e financeira

A correta administração, segundo Nagy, solucionou a evasão dos jovens no Escotismo. Nagy analisa também o que teria levado os norte-americanos a nacionalizarem o Escotismo, criação britânica, transformando-o em um produto tipicamente americano:

Desde o começo, em 1910, a “Boy Scouts of America” seguiu seu caminho particular e foi a primeira associação, no mundo, a demonstrar que um Movimento jovem, nascido no além-mar, enraizado em outras tradições e sujeito a outras necessidades, ainda podia ser transplantado sem perder, ou trair, seu espírito original, idéias e princípios. Não foi uma tarefa fácil e necessitou um homem da época para inspirar, motivar e coordenar o processo de transplante. O homem, era James E. West, advogado atuante em sua profissão, antes de tornar-se Chefe-Escoteiro Executivo, durante 32 anos, e Chefe Escoteiro Honorário, da Boy Scouts of America, durante mais cinco anos. (NAGY, 1987, p. 132)

¹ As informações sobre os “presidentes escoteiros americanos” foram retiradas do site: <www.ussscouts.org/eagle/bsfamous.asp> acessado em 07/12/2010.



Visando manter a origem e identidade britânica do Escotismo, foi requerido, no final de 1911, uma Carta Patente Real, que lhe conferia identidade legal.

Financeiramente o Escotismo era mantido por doadores ou por campanhas de levantamento de fundos, organizadas pela imprensa em colaboração com os próprios escoteiros.

Com a expansão do Movimento aumentavam também as necessidades financeiras. Campanhas para levantamento de fundos e contribuições não bastavam para cobrir a falta de recursos, que tornou-se um problema crescente, deixando a situação financeira do Escotismo internacional precária. Apesar da escassez de dinheiro não ter impedido o progresso, ela criou restrições à melhoria qualitativa, especialmente no campo de estudos e pesquisas de mercado, que esteve em sua maioria limitado à Boy Scouts of America, onde a administração profissional e eficiente tornou-se medida prática segundo Nagy (1987, p. 132-133):

“Desde o início, os americanos respeitaram a intenção original de B.P., que era a de evitar a criação de um Movimento novo, independente. O único objetivo deles era prover um programa escoteiro àqueles que estavam interessados. Os patrocinadores foram: um grupo de escolas anômalas, igrejas, comunidades, sindicatos do comércio, clubes de serviço, tais como o Rotary, o Lions e o Kiwanis, associações de pais e mestres, de bombeiros voluntários e outros grupos semelhantes. Todos tinham um denominador comum: estavam interessados no bem-estar dos moços – e, mais tarde, das moças – de sorte a ajudá-los através do treinamento escoteiro a tornarem-se adultos responsáveis e felizes, bem-equilibrados e bem-treinados. Assim, o Escotismo nos Estados Unidos é parte integrante da instituição patrocinadora. Não é a “Boy Scouts of America” que administra as atividades dos Lobinhos, Tropas escoteiras e outras Unidades, mas sim a patrocinadora.”

Nos EUA, o movimento foi composto por voluntários. E organizado em todos os níveis por escotistas não remunerados. Mas foi criado um grupo de profissionais pagos para possibilitar-lhes executar suas tarefas. Esses especialistas fizeram carreira como escoteiros profissionais. Foram treinados, sistematicamente, com esse fim. “Nos Estados Unidos, seu um Escoteiro profissional é uma carreira em regime de trabalho de um dentista, de um eletricitista ou de um professor.” (Nagy, 1987, p.133).

No início enfrentou-se, também, o problema das comunicações. Apesar das reuniões normais, contatos por correspondência e publicações de alta qualidade, o Escotismo corria risco de sair do controle com o surgimento de movimentos parcialmente semelhantes.

Um serviço de documentação foi criado para centralizar arquivos e documentos, possibilitando que as informações sobre o Movimento pudessem ser acessadas tanto pelos membros como pelo público.



O crescimento do número de membros até então, segundo Nagy, uma obsessão, ganha uma nova visão. Um estudo concluiu que o sucesso não devia ser medido em números apenas, mesmo que o melhoramento qualitativo fosse mais difícil de mensurar. Não houve objeções à quantidade, mas ela deveria ser alcançada por meio de programas de qualidade e não de artifícios de publicidade, recrutamento forçado ou outros meios não-naturais.

Concluiu-se que o Escotismo mundial pode ser administrado com o mesmo rigor e disciplina financeira que qualquer outra organização multinacional.

2.6 O escotismo no Brasil hoje

Atualmente o Escotismo brasileiro – em muitos casos – é feito da mesma forma que nos primeiros anos da sua fundação, quando a administração estava a cargo de voluntários e pessoas sem a necessária qualificação.

Os problemas sociais e administrativos são enfrentados e resolvidos, mas são recorrentes, como a má administração financeira e corporativa e o desconhecimento de alguns dirigentes das leis, dos preceitos, das regras e resoluções necessárias para o bom funcionamento do Movimento.

Cursos voltados para a formação de dirigentes são frequentes e neles é transmitida a noção de administração necessária para gerir um grupo escoteiro. Nestes cursos um dos focos é a necessidade de gerar e arquivar documentos que permitam a gestão consciente e segura da instituição.

Os formulários são uma ferramenta útil para evitar os problemas citados. A partir deles o grupo escoteiro pode ter um controle seguro e confiável das informações necessárias para a administração.

3 ADMINISTRAÇÃO E ESCOTISMO

O Movimento Escoteiro é dirigido por voluntários que recebem treinamento a partir de cursos específicos.

Noções de administração, tanto para este estudo, quanto para as tarefas desempenhadas pelos voluntários, são vistas como necessárias para a prestação de um serviço de qualidade.

3.1 Estrutura do Movimento Escoteiro no Brasil

Para entender a relação e a necessidade dos formulários para a administração dos grupos escoteiros é importante que se conheça e entenda os níveis e principais instâncias que o compõem o Movimento Escoteiro Nacional.

A organização do Escotismo no país está a cargo da União dos Escoteiros do Brasil (UEB), fundada em 4 de novembro de 1924. A definição e a organização da UEB é apresentada da seguinte forma (UEB, 2008, p. 11):

“A UEB é uma sociedade civil de âmbito nacional, de direito privado e sem fins lucrativos, de caráter educacional, cultural, beneficente e filantrópico, reconhecida de utilidade pública, que congrega os grupos de escoteiros no Brasil. Ela é filiada à Organização Mundial do Movimento Escoteiro, com sede em Genebra (Suíça).”

A UEB está organizada em três níveis:

- ▶ O **Nacional**, com autoridade em todo o território brasileiro.
- ▶ O **Regional**, denominado Região Escoteira, podendo abranger uma ou mais unidades da federação, ou parte delas, com autoridade sobre a área que lhe for fixada – normalmente compreende os Estados da federação.
- ▶ O **Local**, constituído pelos grupos escoteiros e seções escoteiras autônomas, que são as organizações locais para a prática do Escotismo.

Os formulários a serem desenvolvidos têm como objetivo atender às necessidades das unidades locais (grupos escoteiros), podendo, em alguns casos, tramitar entre os grupos e os outros níveis da UEB.



3.2 Formulários e o Escotismo

Diante dos trâmites burocráticos de arquivamento e troca de informações entre as várias instâncias do grupo escoteiro, verificou-se que os formulários existentes não eram adequados, havendo inclusive a necessidade de desenvolvimento de novos modelos.

A detecção do problema, isto é, a falta de formulários adequados para a administração do grupo escoteiro, aconteceu após entrevistas com os envolvidos nas práticas burocráticas e a partir da vivência de mais de 20 anos no Escotismo, sendo que os últimos três anos foram no Grupo Escoteiro Ilha de Vitória, que pertence à Região Escoteira do Espírito Santo.

Atualmente alguns formulários estão disponíveis *on line* no site *Escotismo.com*. Uma das dificuldades para a utilização de alguns desses é a necessidade de estar conectado à internet e ser um usuário cadastrado para utilizar o serviço.

Outros problemas são a perda da configuração ao serem impressos e a desatualização de campos quanto a algumas informações e terminologias atualmente utilizadas pelo Movimento.

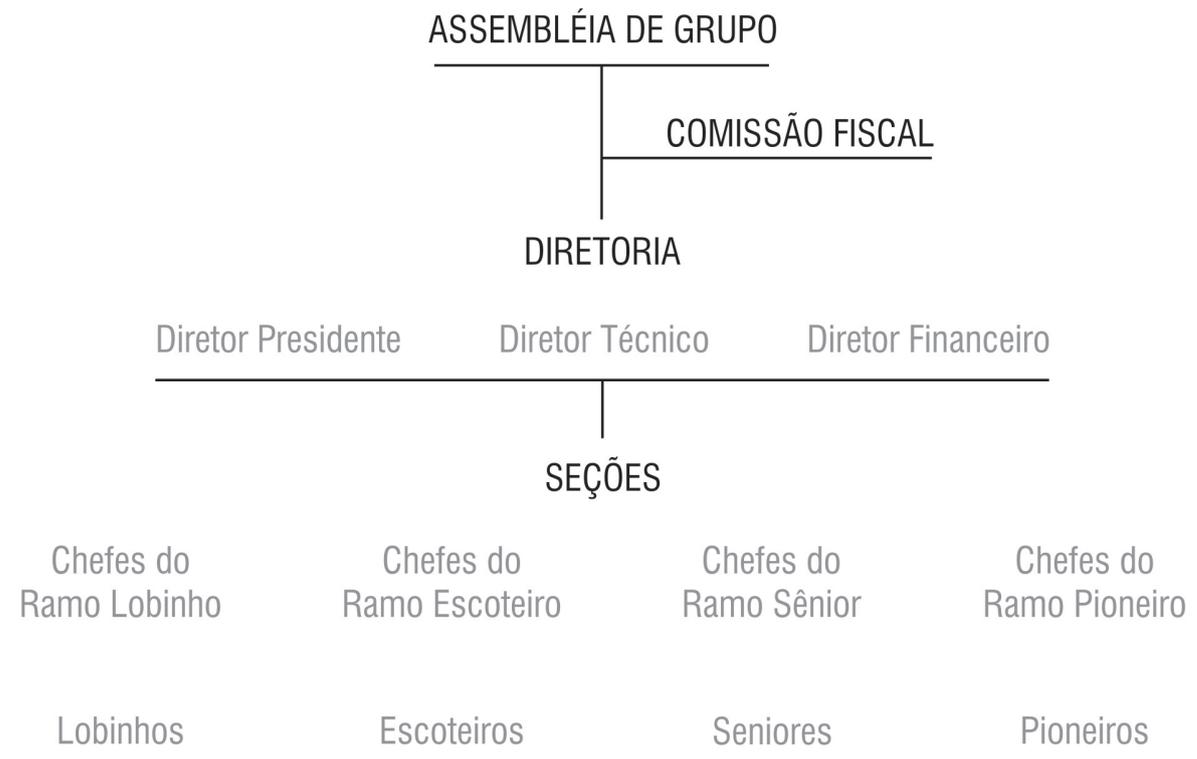
A partir de 2010 foi disponibilizado pela UEB outro banco de dados, o Sistema de informações e gerenciamento de unidades escoteiras (*Sigue*). Como o *Escotismo.com*, o *Sigue* permanece *on line* na internet, sendo necessário ter um cadastro e estar conectado para ter acesso aos seus formulários, o que pode ser um empecilho.

No entanto, a possibilidade de ter os formulários impressos, na internet, no próprio computador ou em outros meios digitais de armazenamento facilita o acesso aos documentos utilizados em tarefas rotineiras dos grupos escoteiros.

Outra diferença entre os formulários a serem desenvolvidos e os que estão disponíveis pelo *Escotismo.com* e o *Sigue* é o fato de que em alguns casos os formulários terão uma tramitação que torna necessária a impressão e a inserção de dados de forma manuscrita para que sejam distribuídos entre instâncias a que se destinam.

Alguns dos formulários a serem desenvolvidos servirão, inclusive, para fornecer informações que alimentarão os bancos de dados *on line*.

Como exemplo, apresenta-se aqui a estrutura do Grupo Escoteiro Ilha de Vitória, que é praticamente a mesma nos outros grupos:



A Assembléia de Grupo é o órgão normativo e deliberativo do grupo escoteiro, e suas decisões são soberanas. Ela é composta pela diretoria do grupo, pelos escotistas (chefes), pioneiros e associados contribuintes vinculados ao grupo (pais e outros membros registrados).

A Comissão Fiscal do grupo escoteiro é o órgão de fiscalização e orientação da gestão patrimonial e financeira do grupo escoteiro. Ela é composta por três membros titulares eleitos na Assembléia de Grupo.

A diretoria do grupo é o órgão executivo do grupo escoteiro e responsável por sua administração. É composta por um presidente e mais dois diretores.

As seções do grupo escoteiro são dirigidas pelos escotistas e são formadas pelos quatro Ramos: Lobinho, Escoteiro, Sênior e Pioneiro. Cada Ramo possui uma ou mais Tropas, que estão divididas em patrulhas compostas pelos membros juvenis.

De acordo com os autores Robert S. Kaplan e David P. Norton, em seu livro *Mapas estratégicos – Balanced Scorecard: convertendo ativos intangíveis em resultados tangíveis*, o investimento nos ativos intangíveis cria valor diferenciado e sustentável para as organizações. (2004, p. 3 a 5)

A descrição dos ativos intangíveis feita por Kaplan e Norton (2004, p. 207) dá-se da seguinte forma:

Os ativos intangíveis podem ser definidos como “conhecimento existente na organização para criar vantagem diferencial” ou



“capacidades dos empregados da empresa para satisfazerem as necessidades dos clientes”. No caso do Escotismo pode ser reescrita como “capacidades dos dirigentes e escotistas para satisfazerem as necessidades do grupo Escoteiro”.

Os **ativos intangíveis** podem ser classificados em três categorias:

O **capital humano**, com as habilidades, o talento e o conhecimento dos empregados. Esta categoria necessita de competências estratégicas, que demandam habilidades, talentos e conhecimento para executar as tarefas exigidas.

O capital humano dos grupos escoteiros e das outras esferas do Movimento é, na maioria dos casos, de pessoas voluntárias. A estes voluntários são ofertados diversos cursos em várias áreas, incluindo na área administrativa.

O **capital da informação** compreende os bancos de dados, os sistemas de informação, as redes, a infra-estrutura tecnológica e de aplicativos.

Nesta área, que engloba as informações estratégicas, estão inseridos os formulários, que nada mais são que um banco de dados que utiliza aplicativos e outros meios para propiciar a administração do Escotismo.

Marshall McLuhan em seu livro *A Galáxia de Gutenberg* fala sobre o impacto de novas tecnologias nas culturas e sentidos das pessoas:

Aqueles que experimentam primeiro o impacto de uma nova tecnologia, seja o alfabeto ou rádio, são os que reagem mais profundamente. Com efeito, as novas posições relativas entre os sentidos, que imediatamente se estabelecem com a ampliação tecnológica da visão ou da audição, oferecem ao homem um surpreendente mundo novo, que evoca uma nova e vigorosa “clausura”, ou seja, um novo modelo de interação entre todos os sentidos conjugados. O choque inicial, entretando, gradativamente se vai dissipando, à medida que a comunidade inteira absorve o novo hábito de percepção em todas as suas áreas de trabalho e associação. A verdadeira revolução, contudo, somente se efetiva nessa fase posterior e prolongada de “ajustamento” de toda a vida social e pessoal ao novo modelo de percepção estabelecido pela nova tecnologia. (1977, p. 46),

A partir da posição de McLuhan sobre a adoção de novas tecnologias é possível entender a forma com que as pessoas, nos grupos escoteiros, experimentarão e assimilarão os formulários que integram o capital da informação.

O **capital organizacional** engloba a cultura, a liderança, o alinhamento dos empregados, o trabalho em equipe e a gestão do conhecimento.

A Cultura, que trata da conscientização e internalização da missão, da visão e dos valores comuns, está presente no Movimento Escoteiro em documentos e textos que são disponibilizados a todos, principalmente aos dirigentes e escotistas.



A liderança, que pressupõe a disponibilidade de líderes qualificados, em todos os níveis hierárquicos, é alcançada a partir dos cursos, congressos e reuniões que visam a qualificação, a formação e a troca de informações pertinentes à administração e outros temas que se relacionem ao gerenciamento dos grupos.

O alinhamento das metas e incentivos são trabalhados por meio de programas de qualidade e desenvolvimento. A partir do momento que forem empregados os novos modelos de formulários, tal alinhamento poderá ser melhor administrado.

O trabalho em equipe, que objetiva o compartilhamento dos conhecimentos e recursos das pessoas está presente no Escotismo desde a sua fundação, sendo um dos seus pilares.

A partir da classificação dada para ativos intangíveis, é possível verificar que estes estão presentes na estrutura do Movimento Escoteiro e que a valorização dos mesmos pode proporcionar uma boa administração para os grupos, principalmente se a estratégia a ser utilizada forem os formulários.

Para Kaplan e Norton (2004, p. 6) se não houver uma descrição abrangente da estratégia, os envolvidos não conseguirão fazer uma boa divulgação e compartilhamento, comprometendo a promoção e alinhamento em torno dela.

Alguns formulários já são utilizados pelo Movimento Escoteiro, porém carecem de um projeto adequado e constantemente há a necessidade de criação de novos arquivos. A aplicação do design na elaboração de formulários adequados às funções a que se destinam pode torná-los ferramentas seguras e úteis para o grupo escoteiro, formando uma estratégia ideal para a administração, a organização e o desenvolvimento das unidades locais.

Considerando que os formulários integram o capital da informação que, de acordo com Kaplan e Norton (2004, p. 255), é composto de sistemas, de bancos de dados, de bibliotecas, de redes que fornecem informações e conhecimentos à organização, só terão algum valor se estiverem no contexto da estratégia. Segundo os autores, a melhoria dos processos, da qualidade e da produtividade é alcançada a partir da perseguição de estratégias de menor custo total.

3.3 Formulários

Entre as acepções para formulário o *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* apresenta a seguinte definição:

[...] 3. Inform. Janela (7) ou documento que apresenta informações de forma diagramada, e que possui campos [...] para que o usuário possa introduzir ou modificar informações. [O formulário é esp. us. em programas de bancos de dados e na Web.] [...] (AURÉLIO, 1999, p. 931)



Luiz Carlos Baroni em *Impressos e formulários: manual do usuário* (1998, p. 35) define formulário da seguinte forma:

“Um formulário é um impresso, porém um impresso *não é* necessariamente um formulário. Não se trata de uma questão semântica, mas de compreender as estruturas básicas que devem obrigatoriamente sustentar um formulário.

Impresso é um suporte, ou seja, uma superfície, de qualquer espécie (cortiça, pedra, marfim, metal, papel, plástico, vidro, etc.), grafado com textos, traços e/ou desenhos por meio de métodos e sistemas de impressão.

Já Formulário, é um impresso especial em suporte específico, de papel, grafado com textos, traços e/ou desenhos, por meio de métodos e sistemas de impressão, porém com espaços vazios e que devem ser completados com a inserção de dados, destinado a veicular (solicitar – requerer – determinar – controlar – aferir – etc.) informações entre usuários emissores e destinatários.”

De acordo com Baroni (1998, p. 19), o formulário é um veículo oficial da informação, que orienta, dinamiza a execução de tarefas e que leva e traz informes. Ele induz procedimentos administrativos com resultados que dependem do seu conteúdo, promovendo ações que permitem alcançar os resultados desejados até que novas instruções sejam inseridas.

Os formulários geram rotinas de trabalho que necessitam de outros formulários para organizar essas atividades. Ao se questionar os formulários no decorrer dessas ponderações ocorrerão simultâneas indagações sobre o mérito das rotinas praticadas na Empresa.

O surgimento de um formulário pode acontecer quando se procura solucionar uma determinada questão operacional ou gerencial. Deve-se averiguar se as razões que o originaram ainda existem e se a estrutura em que ele se encontra necessita que seja criado.

Para Baroni “o formulário é o tradutor das determinações: o compasso e a clareza das instruções favorecem a objetividade e a presteza dos resultados.” (1998, p. 27)

4 PLANEJAMENTO E IMPLEMENTAÇÃO

Com a expansão do uso dos meios de comunicação e com a intensificação da competição por fatias de mercado, os designers gráficos não podem mais se fiar só na criatividade e na intuição para produzir projetos de sucesso para seus clientes. As empresas estão atrás de um design que acrescente valor agregado e cuja utilização garanta resultados. Para se conseguir esse design é preciso que o designer incorpore aos seus projetos os princípios e as estratégias que regem o marketing – seja pelo seu próprio conhecimento na área ou através do trabalho integrado a um profissional especializado. (NIEMEYER, 2002, p. 7)

Este capítulo trata dos estudos feitos para a obtenção de informações para o projeto dos formulários.

Os conceitos que definiram o projeto dos documentos foram obtidos a partir da pesquisa e leitura de bibliografia relacionada ao design, com temas ligados à diagramação, *gestalt*, semiótica, tipografia e cores e de bibliografia relacionada ao marketing e o design.

4.1 Marketing e design

Segundo Niemeyer (2002), a organização do mercado e a consolidação do poder de compra do consumidor, possibilitaram-lhe exercer um papel determinante nas vendas e, conseqüentemente, determinasse a produção.

O surgimento do marketing deve-se à consideração de que o consumidor é o usuário final da produção, desta forma, as decisões da indústria precisam ser direcionadas a ele, deixando de ser determinadas prioritariamente pela capacidade de produção.

Marketing e produção são partes importantes nos negócios, sendo que a produção fornece os produtos e serviços desejados aos consumidores e o marketing identifica estes desejos ou os cria. (NIEMEYER, 2002)

A divulgação dos formulários para os grupos escoteiros é importante para que estes tenham conhecimento de tais ferramentas e saibam utilizá-las corretamente. A divulgação no site da Região Escoteira, em listas de discussão na *internet*, em seminários e cursos apresentam-se como melhor alternativa para alcançar este objetivo.



A conscientização para a adoção e uso dos formulários pode ser alcançada a partir de palestras nos grupos ou em atividades em que estejam presentes os diretores das unidades locais.

4.2 Planejamento do projeto

Uma pesquisa foi realizada com os dirigentes do grupo escoteiro, o que permitiu organizar uma lista contendo 17 formulários.

A partir desta lista iniciou-se uma pesquisa na web, onde foram conseguidos vários documentos nos sites de regiões e grupos escoteiros. Aos arquivos levantados foram anexados outros que o Grupo Escoteiro Ilha de Vitória e seus associados possuíam.

Os formulários são apresentados nos programas *Word* e *Excel* da *Microsoft*. A popularidade destes programas e a facilidade que proporcionam na criação de tabelas possibilita que formulários diversos sejam feitos sem a necessidade do usuário do programa ter conhecimentos avançados de diagramação ou do próprio *software*.

Apesar da facilidade de utilização destes programas e da funcionalidade proporcionada na criação dos formulários, eles apresentam alguns obstáculos quanto à distribuição e à inserção de informações, como, por exemplo, a perda de configuração e a possibilidade de o usuário alterar acidentalmente ou propositalmente a estrutura do documento.

Constatou-se que a diversidade de documentos para o mesmo assunto era grande e que a padronização era necessária. A inexistência de bancos contendo a relação dos formulários necessários à administração do grupo escoteiro foi percebida durante a pesquisa.

Após a reunião de todos os arquivos, estes foram divididos de acordo com a especificação de cada um, como, por exemplo, fichas de inscrição de membros juvenis e fichas de autorização.

Nas diversas versões de cada documento, tomando como exemplo as fichas de inscrição de membros juvenis (que diferem de grupo para grupo), realizou-se o cruzamento das informações pertinentes dos diversos arquivos com o intuito de reuni-las em um documento final completo, que possuísse os dados realmente necessários.

Neste estudo cruzado dos documentos verificou-se o que poderia ser alterado e melhorado.

Esta fase foi demorada e trabalhosa, pois foi necessário fazer a comparação dos arquivos, buscando repetições e novos dados que pudessem gerar mais informações para os novos documentos.



Em alguns casos, cada documento possuía até cinco modelos diferentes, tornando a revisão uma tarefa laboriosa.

Alguns arquivos necessitaram de informações que tiveram de ser criadas, uma vez que se constatou que dados importantes não estavam presentes..

Após o levantamento do número de formulários, estes foram classificados e divididos em três tipos. A tabela a seguir apresenta esta divisão, com a função no formulário e os setores do grupo escoteiro em que tramitam.

Formulários de autorização	Formulários de relatório	Formulários de solicitação
Autorização para participação em atividade externa Dos chefes para os pais, retornando aos chefes	Relatório de atividades comunitárias Dos chefes para a diretoria	Solicitação de condecorações e recompensas Da diretoria para a Região Escoteira
	Ficha médica Da diretoria para os pais, retornando à diretoria	Acordo de trabalho voluntário Da diretoria para os chefes, retornando à diretoria
	Controle de presença Dos chefes para a diretoria	Nomeação de escotista responsável Da diretoria para os chefes, retornando à diretoria
	Controle de mensalidades Da diretoria para os pais, retornando à diretoria	Autorização de exercício provisório Da diretoria para os chefes, retornando à diretoria
	Ficha de atividade Utilizada pelos chefes	Solicitação de atividade externa Dos chefes para a diretoria
	Relatório de atividades Dos chefes para a diretoria	Inscrição de adulto Dos chefes para a diretoria
		Inscrição de membro beneficiário Da diretoria para os pais, retornando para a diretoria
		Termo de adesão provisória Da diretoria para os pais, retornando à diretoria
		Solicitação de afastamento Dos membros registrados para a diretoria
		Lista de participantes nas atividades Dos chefes para a diretoria

Os dados coletados permitiram saber o número de formulários necessários e o conteúdo que deverão apresentar.

A partir do estudo em referências ligadas ao design espera-se obter os conhecimentos necessários para o projeto gráfico dos formulários.

4.3 A importância do design para os formulários

De acordo com Heskett (2006), o crescimento do desenho industrial como atividade profissional, nas décadas de 30 e 40, resultou do talento criativo dos designers ao se adaptarem às exigências da produção comercial e ao reconhecimento do potencial do design como estratégia de marketing, o que levou a um aumento das vendas.



O interesse de algumas empresas em atrair consumidores, com propagandas, era menor se comparado aos investimentos em criar uma impressão geral de modernidade, qualidade, serviço ou confiabilidade.

A programação visual e a tipografia eram amplamente utilizadas para desenvolver um estilo da casa ou identidade empresarial, uma imagem visualmente unificada para o público e, nas grandes organizações, para os empregados. Veículos, máquinas, móveis e acessórios podiam ser usados para isso. As políticas empresariais em relação ao design, às formas utilizadas e aos propósitos a que deveriam servir eram, entretanto, muito variadas.” (HESKETT, 2006, p. 130)

Tomando como exemplo a visão de Heskett sobre o valor do design e o potencial que ele possui quando utilizado como estratégia de marketing, é possível entender como um projeto gráfico preciso pode tornar os formulários ferramentas administrativas ideais para o gerenciamento e desenvolvimento do Movimento Escoteiro.

“O design é um fator de diferenciação competitiva em marketing, sendo muitas vezes o único aspecto que diferencia um produto no mercado.” (NIEMEYER, 2002, p. 26)

Há algum tempo um projeto bonito e criativo bastava para satisfazer às empresas. Hoje é necessário fundamentar as decisões adotadas no projeto e embasar as soluções encontradas. Estas ações são o principal diferencial do trabalho executado por um designer. (NIEMEYER, 2002)

A filosofia, a cultura da empresa e a imagem que ela pretende transmitir estão em sua identidade corporativa, que deve ser a expressão visual destes conceitos, que devem ser claros para o público externo e para o capital humano que a compõe. (NIEMEYER, 2002)

A criação de uma identidade para formulários que despertem o interesse do usuário será conseqüência da criatividade utilizada na elaboração do projeto. Porém, a pertinência deve prevalecer.

Para o autor Bruno Munari (1979), enquanto o artista trabalha com a fantasia, o designer usa a criatividade. Apesar de o artista não utilizar sempre a fantasia, ela é uma característica em quase todas as obras de arte.

A fantasia é uma faculdade do espírito capaz de inventar imagens mentais diferentes da realidade, nos pormenores ou no conjunto; imagens que sejam também irrealizáveis praticamente.

A criatividade é uma capacidade produtiva onde fantasia e razão estão associadas e cujos resultados são sempre realizáveis na prática. (MUNARI, 1979, P. 89)

A coerência entre forma e função deve ser levada em conta durante o projeto que, além da função prática, deve atender a necessidade psicológica do usuário:



Preocupa-o, quando muito, que haja uma regra de coerência formal, regra inventada de propósito, quando possível, pela qual o todo resulte num conjunto lógico e harmonioso, tendo as partes que o formam uma relação dimensional, matérica, dinâmica e estrutural. Este tipo de coerência formal ou estética da lógica (como eu provisoriamente a defino) encontra-se também na natureza, [...]. (MUNARI, 1979, p. 117)

Dondis, em *Sintaxe da linguagem visual*, apresenta concepção semelhante à de Munari. Para Dondis (2007), ‘a concepção contemporânea das artes visuais avançou para além da mera polaridade entre as artes “belas” e as “aplicadas”[...].

Questões ligadas à expressão subjetiva e à função objetiva, relacionando-se à associação da interpretação pessoal com a expressão criadora, presentes na arte, contrapõem-se à finalidade e ao uso, elementos presentes no design.

Dondis (2007) apresenta o exemplo de um artesão que modela um vaso a partir do gosto pessoal, não tendo a preocupação com a função e sim empregando em sua obra uma função subjetiva. Se, além da função subjetiva, que é o gosto pessoal, o artesão se preocupar com a função objetiva do objeto, uma preocupação de ordem prática, o mesmo vaso poderá servir como recipiente para água: estará, assim, modificada a utilidade do objeto.

A forma do produto final depende daquilo para que ele serve. Mas no que diz respeito aos problemas mais sutis do design há muitos produtos que podem refletir as preferências subjetivas do designer e, ainda assim, funcionar perfeitamente bem. O designer não é o único a enfrentar a questão de se chegar a um meio-termo quando o que está em pauta é o gosto pessoal. É comum que um artista ou um escultor tenha de modificar uma obra pelo fato de ter recebido a encomenda de um cliente que sabe exatamente o que deseja. (DONDIS, 2007, p. 11)

Conclui-se que o uso prático e o grau de objetividade são necessários para os projetos de um designer, mesmo se este atender a preferências subjetivas em seus projetos.

Este ponto de vista ressalta a necessidade dos formulários atraírem e agradarem os usuários, devendo, portanto, manter as suas funções específicas.

Niemeyer (2002, p. 31) complementa:

A criatividade é um fator importante, sendo um diferencial positivo e válido. Mas ela só desempenha este papel quando aplicada a partir de uma base sólida de conhecimento. A criatividade não basta; é preciso considerar a estrutura de funcionamento da empresa, seus concorrentes e o público.

A preocupação com a uniformidade, o projeto gráfico, a apresentação e o uso correto da marca está presente no *Manual de identidade visual e otimização da imagem*, documento da União dos Escoteiros do Brasil, comprovando que



os órgãos administrativos do Escotismo estão cientes da importância do design para a instituição.

Para Allen Hurlburt (2006) “[...] o processo de design requer estudo contínuo, análise permanente dos elementos que constituem um layout.”

O ordenamento e o contexto devem ser levados em conta durante as fases iniciais do projeto:

Se o design representar um esforço individual, divorciado de outro material impresso, ele estará numa condição de liberdade que não existe na maioria das situações de design. Por outro lado, se o layout faz parte de uma campanha, de um programa unificado de design, de um formato preestabelecido, deverá estar em harmonia com o todo a que pertence.

Outro fator de importância no processo do design diz respeito ao ambiente em que a página será vista. O designer deverá considerar, por exemplo, a proximidade de materiais concorrentes ou que possam distrair a atenção; o método de distribuição do material; a luz que incidirá sobre seu trabalho, em várias condições. (Hurlburt, 2006, p. 128)

A economia no orçamento é outro fator a influir nas decisões a serem tomadas no processo de criação, como destaca Hurlburt (2006). A escolha do método, das cores, das imagens, do acabamento, da composição e da impressão, influenciam nos gastos e no valor do projeto, porém não interferem diretamente na qualidade.

Entre os vários requisitos do projeto, deverá ser levado em conta que os formulários, na grande maioria dos casos, serão impressos em máquinas caseiras, em sua maior parte, impressoras jato de tinta. Estas impressoras são de uso geral e apresentam alto custo de manutenção, em função do preço da tinta.

As cores, os elementos e o tipo de papel deverão ser levados em conta para que os formulários sejam impressos com gasto mínimo.

A proposta do uso dos formulários a partir do meio digital é uma alternativa à impressão industrial, pelo sistema offset, em gráficas. Em certos casos, o formulário poderá ser preenchido e distribuído, sem a necessidade de ser impresso.

Sobre os cuidados iniciais com o projeto, Hurlburt (2006) deixa claro que é necessária uma visão holística para o desenvolvimento do mesmo, com atenção especial à natureza de conjunto da solução criativa. Tais cuidados evitam insucessos:

[...] Quando um designer decide explorar a mais nova família de tipos derivada da mais obscura fonte, ou, pior ainda, quando afasta a tipografia de sua cogitação e ela acaba se tornando um simples apêndice, ou parecida com isso; ou quando ele inicia um trabalho presumindo que tudo poderá ser resolvido mais tarde, na prova final — ele estará no caminho certo de uma solução de design que será, quando muito, medíocre. (Hurlburt, 2006, p. 129)



4.4 Suportes

Para Luiz Carlos Baroni (1998), o projeto de um formulário deve ser feito a partir dos suportes conhecidos, pois as limitações que estes impõem interferirão no resultado do trabalho.

O objetivo e o destino do impresso devem ser definidos de início, com posterior escolha do suporte, que deverá possuir as características que melhor se adequem ao perfil do projeto. É preciso levar em conta também os custos.

Habitualmente, não são muitos os tipos de papel empregados na produção de formulários, com a diversidade ocorrendo principalmente quanto à qualidade. (BARONI, 1998)

Além das técnicas de produção, a qualidade do papel é determinada também pelo percentual de celulose pura na massa e pelo tratamento feito na superfície, sendo um deles a *calandragem*, que é a homogeneização da superfície, dando a ela um *alisamento* e uniformização.

O alisamento afeta as propriedades funcionais e a aparência do papel, costumando diminuir à medida que a gramatura aumenta. Um produto mais liso resulta em impressão mais nítida. (SUZANO, acessado em 5 de novembro de 2010)

A *alvura* representa a intensidade de brancura do papel. Ela é medida de acordo com a porcentagem de luz refletida na superfície do produto. Alta alvura produz maior contraste com a tinta preta e aparência mais vívida nas cores. (SUZANO, acessado em 5 de novembro de 2010)

A *opacidade* é a medida de absorção da luz pelo papel. A incidência de luz faz com que ela seja refletida, absorvida e transmitida pelo papel. A importância da opacidade refere-se à boa leitura nas impressões. A falta dela (transparência) reduz o contraste do material impresso. (SUZANO, acessado em 5 de novembro de 2010)

A *gramatura* é expressa em g/m². É calculada a partir do peso em gramas de uma folha com área igual a 1 m². As propriedades do produto como espessura, opacidade e desempenho das impressoras são influenciadas também pela gramatura.

A *espessura* é medida em milímetros ou micra (milésima parte do milímetro), e é a distância perpendicular entre as faces da folha de produto. (SUZANO, acessado em 5 de novembro de 2010)

Existem diversos papéis, cada um apresentando uma característica que é utilizada geralmente para impressos específicos. Para os formulários, os papéis que melhor se adequam são o *off set* e o *couché*.

O papel *off set* foi desenvolvido para atender aos requisitos do sistema de impressão que originou o nome deste suporte. Ele apresenta uma superfície melhor calandrada.



O papel *couché* (camada em francês) foi inventado em 1860 e é utilizado por sua alta qualidade de reprodução. Ele pode ser definido como um papel base, podendo ser destinado ao sistema offset, que recebe uma camada de revestimento que tem como função tornar a superfície mais apropriada à reprodução de um original. (ABTCP, acessado em 05/11/2010)

Os papéis utilizados pela indústria gráfica geralmente são os papéis em folha – ideais para impressão em máquinas planas – não em bobinas. São comercializados em diversos formatos, entre eles o 66x96 cm. (BARONI, 1998).

Se necessário, os formulários poderão ser impressos neste formato, porém, de acordo com as pesquisas realizadas, a demanda e a forma com que os grupos escoteiros utilizam os formulários indica que precisam de poucas cópias de cada documento: a demanda ocorre sazonalmente, como em atividades externas, que ocorrem em média 10 vezes ao ano. Outros formulários podem ser bastante utilizados, mas mesmo assim em uma quantidade que não vale à pena ser feita a partir do sistema *off set*, que tem o valor das cópias ligado à quantidade de impressos. Esta precisa ser grande para que o valor unitário dos documentos seja pequeno.

A demanda faz com que a maior parte dos formulários seja impressa a partir de impressoras pessoais ou reprográficas, que utilizam formatos diferentes dos utilizados pelas gráficas.

Hoje, a maioria dos formatos segue as normas do Deutsche Industrie Normen (DIN), e por isso são conhecidos como papéis no formato DIN. Collaro (2000) informa que as normas DIN resultam de uma padronização efetuada, em 1911, pela Associação de Engenheiros Alemães, que visava a economia de papel e a racionalização de mão-de-obra.

Outro formato DIN é descrito por Baroni (1998): as folhas de 84,1cmx118,9 cm. Este não é um formato padrão das indústrias gráficas no Brasil, mas suas subdivisões, entre elas o formato A4, são largamente utilizadas nos sistemas de impressão reprográficos e impressoras a laser e jato de tinta.

O formato A4 costuma ser vendido em resmas, com 90g/m² ou 75g/m². Ambas as gramaturas são viáveis para a impressão dos formulários, ao contrário de gramaturas menores, que deixam o papel pouco opaco, dificultando a leitura, principalmente quando colocado junto com outros impressos.

Gramaturas maiores, acima de 110g/m², podem ser um empecilho ao ser impressas, pois correm o risco de ficarem presas nas impressoras, que costumam necessitar de configurações específicas para imprimir com gramaturas diferentes das que estão habilitadas.

Dessa forma é que serão impressos os formulários, pois este formato é largamente comercializado e se tornou bastante popular, sendo padrão nas impressoras



jato de tinta, laser e reprográficas. Resmas de 75g/ m² em papel *off set* costumam ser encontradas facilmente no comércio.

Sobre a importância do meio impresso na percepção humana McLuhan, em *Os meios de comunicação como extensões do homem*, conceitua o que ele chama de meios quentes e frios. Este conceito é importante para que se compreenda a influência dos meios no processo de percepção.

A definição para os meios quentes refere-se ao prolongamento de um único dos nossos sentidos – neste exemplo, a nossa visão – em um meio que apresente alta definição e saturação de dados, não deixando espaço para ser preenchido com outras informações e possibilitando pouca participação. Um exemplo para um meio quente é a fotografia, que apresenta alta definição.

O conceito de alta definição é dado por McLuhan como sendo a alta saturação de dados e intensidade. A alta definição pode gerar a fragmentação ou especialização. '[...] isto explica por que toda experiência intensa deve ser “esquecida”, “censurada” e reduzida a um estado bastante frio antes de ser “aprendida” ou assimilada.’ (MCLUHAN, 2005, p. 39).

O meio frio é aquele que apresenta pouca informação, com espaços para serem preenchidos e completados. Ele tem por característica a baixa definição e a fala é um exemplo, pois exige maior participação em decorrência dos poucos dados fornecidos e da necessidade de preenchimento por parte do ouvinte. (MCLUHAN, 2005)

O papel, considerado um meio quente, pode excluir da mesma forma que o meio frio pode incluir. Um exemplo para este princípio é fornecido por McLuhan (2005, p. 39):

Quando as bailarinas começaram a dançar nas pontas dos pés, há [sic] um século atrás, todos sentiram que a arte do balé havia adquirido uma nova “espiritualidade”. Devido a essa nova intensidade, as figuras masculinas foram excluídas do balé. O papel das mulheres também se tornou fragmentário com o advento da especialização industrial e a explosão das funções caseiras em lavanderias, padarias e hospitais na periferia da comunidade.

A opção de uso de um meio quente no lugar de um meio frio pode ser uma decisão errada, pois impede ou diminui a percepção pessoal, uma vez que o novo meio é completo, não deixando espaços para serem preenchidos. (MCLUHAN, 2005)

O projeto gráfico dos formulários deverá permitir que a utilização dos documentos atenda aos princípios citados por McLuhan, evitando os pontos negativos apresentados pelos meios quentes e frios.

4.5 Formulários no meio digital

O projeto dos formulários deverá contemplar a impressão e o meio digital. O formato como serão diagramados será o mesmo utilizado para a impressão,



devendo haver a preocupação de buscar a adequação aos dois meios, proporcionando melhor utilização pelo usuário.

O formato digital permitirá a distribuição e disponibilização dos formulários em uma abrangência muito maior do que se fossem apenas impressos e ainda é uma inovação, pois atualmente a grande quantidade de formulários – no Movimento Escoteiro – é apresentada somente a partir do meio impresso. Os poucos exemplos de formulários em meio digital carecem de projeto gráfico e utilizam ferramentas que são pouco adequadas aos propósitos, comprometendo a legibilidade e a transmissão.

A adequação ao uso do formato digital poderá ser entendida a partir da visão de McLuhan, que trata da assimilação de novas tecnologias, tendo como foco a revolução promovida no Ocidente pela invenção de Gutenberg.

A ampliação tecnológica ou a exteriorização de um ou outro sentido podem resultar na divisão de faculdades, permitindo que se entenda como se iniciam as transformações de cultura.

A reação dos que experimentam o primeiro contato com uma nova tecnologia – no caso deste trabalho, a utilização de formulários a partir do meio digital – costuma ser profunda. Novas formas de utilizar os sentidos, que se dão a partir da ampliação tecnológica, oferecem ao usuário novas capacidades de interação entre todos os sentidos.

Este choque inicial será dissipado quando todos os usuários tiverem o novo hábito de percepção nas áreas de trabalho e associação. A concretização deste ajustamento é efetivada quando todos os envolvidos se adaptam à nova tecnologia. (MCLUHAN, 1977)

“A mecanização da arte do escriba ou copista foi provavelmente a primeira redução de qualquer trabalho manual a termos mecânicos.” (MCLUHAN, 1977, p. 176)

Esta afirmação de Marshall McLuhan em *A galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico*, possibilita entender a importância da palavra impressa, por meios mecânicos, na comunicação. O autor compara a tipografia com o cinema, fazendo uma relação entre o movimento e a sucessão de imagens que formam um filme: “[...] a leitura da palavra impressa coloca o leitor no papel do projetor cinematográfico.” (MCLUHAN, 1977, p. 176)

Os estudos realizados sobre os efeitos estéticos dos impressos e da tipografia sobre os hábitos humanos de percepção permitem entender a relação do homem com a tipografia. A coerência visual da experiência na cultura tipográfica pode colocar o sentido auditivo e outras complexidades sensoriais em segundo plano.



O livro impresso, por muito tempo foi considerado como um manuscrito portátil. Esta tendência para comparar meios em transição ocorreu com os veículos, que eram relacionados a carruagens sem cavalos.

McLuhan (1977, p. 183) discorre sobre esta transição:

[...] Contudo, tanto o produtor como o consumidor da página impressa a conceberam como continuação direta do manuscrito. Do mesmo modo, o jornal do século dezenove sofreu completa revolução com o advento do telégrafo. A página impressa mecânica cruzou-se com uma nova forma orgânica que mudou o plano de apresentação do jornal, como mudaria a política e a sociedade.

Da mesma forma que muitos ainda não sabem como utilizar todas as tecnologias que nos são apresentadas diariamente, no ano de 1500 ainda não se sabia como vender e distribuir um livro produzido em massa.

O acesso às novas tecnologias e a forma com que elas transformam a sociedade são retratadas por McLuhan (1977, p. 194):

A forma impressa, como extensão imediata e tecnológica da criatura humana, produziu em seus primeiros tempos acesso sem precedentes de pujança e impetuosidade. Visualmente, a forma impressa possui mais “nitidez”, ou, em termos técnicos de televisão, mais “definição” que o manuscrito. Em outras palavras, o impresso era meio de comunicação muito “quente” a surgir num mundo que, durante milênios, fora servido pelo meio “frio” da escrita. Assim, nossa própria “turbulenta década de vinte” foi a primeira a sentir o meio quente do filme e também o não menos quente do rádio. Foi a primeira grande era de consumo. Do mesmo modo, foi com a forma impressa que a Europa experimentou sua primeira fase de consumo, porque a palavra impressa não só é ela própria meio de consumo e artigo de comércio, como também ensinou aos homens como organizar todas as outras atividades numa base linear sistemática. Mostrou-lhes como criar mercados e exércitos nacionais. O meio de comunicação quente da palavra impressa os capacitou pela primeira vez a *ver* suas línguas vernáculas e a visualizar o poder e a unidade da nação condicionados aos limites da língua vernácula. [...]

A fase extrema da cultura alfabética é a palavra impressa que, na sua primeira fase, descoletiviza ou retira o homem do seu meio. O alfabeto fonético possui um poder de individualização maior que a cultura escrita graças à tecnologia do individualismo, que pode ser modificado caso outra tecnologia seja adotada.

Além de tecnologia, a tipografia pode ser vista como uma espécie de mercadoria que, como qualquer bem de produção, interfere nas relações intersensoriais das pessoas e nos padrões de dependência da sociedade.

Com a tecnologia correta a sociedade pode processar as experiências de forma homogênea e organizar o esforço humano. (MCLUHAN, 1977)



Para McLuhan (2005, p. 109), todas as tecnologias são extensões do sistema físico e nervoso do homem:

[...] tendo em vista o aumento da energia e da velocidade. Não Havendo tais acréscimos de força e rapidez, novas extensões de nós mesmos não ocorreriam ou seriam rejeitadas. Um aumento de força ou velocidade, em qualquer agrupamento, constituído por quaisquer componentes que sejam. Já é em si mesmo uma ruptura que provoca uma mudança de organização. A alteração dos agrupamentos sociais e a formação de novas comunidades ocorre com a aceleração do novimento da informação, por meio das mensagens em pape1 e do transporte rodoviário. Esta aceleração significa mais controle a maiores distâncias.

A partir do ponto de vista de McLuhan sobre o impacto que novas tecnologias causam no ser humano, é possível entender o que poderá ocorrer com o primeiro contato dos usuários com os formulários. Os arquivos serão apresentados no formato digital (PDF – *Portable Document Format*), que para alguns é uma novidade. Os formulários digitais serão utilizados a partir de programas específicos de computador (*Acrobat Reader* ou *Foxit Reader*) que são costumeiramente usados para a leitura de arquivos e não para a nova possibilidade apresentada: a inserção de dados.

De acordo com Emerson Alecrim (2004), a sigla PDF se originou de *Portable Document Format*, ou, em português, “formato portátil de documentos”. É uma extensão de arquivo que aceita texto, vídeo, áudio e recurso de interatividade, como os campos de formulário. Foi criada pela empresa americana Adobe Systems no início da década de 90 com o intuito de uniformizar documentos que transitam pelos mais diversos sistemas computacionais, podendo assim ser impresso em qualquer tipo de impressora.

A versatilidade dos documentos em PDF é tamanha que foi emitido uma certificação ISO (*International Organization for Standardization* – Organização Internacional de Normalização) que o classifica como documento padrão para uma distribuição mais confiável que outros documentos de edição. A ISO é uma organização não-governamental fundada em 1947, com sede em Genebra. Ela busca estabelecer normas que representem e traduzam o consenso dos diferentes países, como a certificação ISO 32000-1, que determina o formato digital de documentos de natureza eletrônica que habilita aos usuários troca, visualização e impressão de informações independentemente do ambiente operacional do usuário. Todas estas características acabam por fornecer melhor comunicação e interação entre os mais diversos usuários. (ADOBE, acesso em 26 de setembro de 2010a, tradução nossa)

Os programas da Adobe, o *Adobe Acrobat* e o *Adobe Reader* são produtos separados, apesar de se complementarem. O *Adobe Acrobat*, programa pago,



permite a comunicação e a colaboração entre os usuários. Ele possibilita a criação e o compartilhamento de documentos e formulários PDF. O *Adobe Reader* é um programa gratuito, utilizado para a visualização dos arquivos PDF. Ele permite, além da visualização, a impressão dos documentos, mas não possibilita que dados inseridos nos formulários sejam salvos. (ADOBE, acesso em 26 de setembro de 2010b)

A Adobe não é a única empresa a trabalhar em plataformas baseadas em arquivos PDF. Existem mais de 1200 empresas oferecendo soluções em PDF, o que mostra a importância do formato do arquivo e o fácil manuseio destes documentos. (ADOBE, acesso em 26 de setembro de 2010a, tradução nossa)

De acordo com as informações da Adobe, o programa que ela oferece gratuitamente não permite que os dados inseridos nos formulários sejam salvos. Esta inconveniência demandou uma pesquisa de programas gratuitos que permitissem a leitura, inserção e salvamento de dados inseridos, pois a maioria dos usuários não possui e não tem condições financeiras para adquirir o *Adobe Acrobat*, que tem preço inicial de aproximadamente trezentos dólares (informações fornecidas pelo site da Adobe, acessado em 26 de setembro de 2010b).

Para McLuhan (2005, p. 182), a função básica dos meios, que é armazenar e transmitir informação, é mal entendida, pois, para ele: “[...] armazenar já é transmitir, pois o que já está armazenado é mais acessível do que o que ainda deverá ser colhido.”

A forma como documentos PDF trabalham difere um pouco dos outros documentos de edição. Em relação à forma de imprimir tais arquivos, é necessário que o programa que cria PDFs conste na lista de impressoras disponíveis. Assim, independentemente do programa no qual se trabalha, é possível “imprimir” um arquivo PDF. É nessa capacidade de “impressão” que reside a versatilidade dos documentos com formato PDF.

Tendo em vista os conceitos de McLuhan para a classificação dos meios em quentes e frios, os formulários podem ser considerados como meios frios, pois apresentam os campos que precisam ser preenchidos a partir da leitura e interpretação, o que demanda interação do usuário.

A partir das informações reunidas é possível definir que o formato padrão de papéis para o projeto dos formulários será o A4 e o programa a ser recomendado para a visualização, inserção e salvamento dos dados é o *Foxit Reader*.

Este programa pode ser encontrado e baixado no site do fabricante: www.foxit-software.com/downloads/index.php.

5 PROJETO GRÁFICO

Donis A. Dondis considera o processo de composição como o passo mais importante para a solução de problemas visuais. É nesta etapa do projeto que o designer tem a oportunidade de definir a identidade visual do trabalho.

Os critérios definidos para os conceitos do projeto gráfico determinarão a forma com que os usuários entenderão os formulários e serão alcançados a partir do estudo da percepção humana.

Segundo Dondis, há de se tomar cuidado com a monotonia, pois a mente e o olho exigem estímulos, que podem ser alcançados a partir do aguçamento da estrutura e da mensagem. A atenção do observador pode ser conseguida a partir do contraste, que pode ser utilizado como estratégia para ressaltar o significado. (DONDIS, 2007)

Para Antonio Celso Collaro (2000, p. 112) “tudo gira em torno do bom senso.” A definição estética de agradável ou desagradável não pode ser empregada para o que existe na natureza. O sentido estético é inferido pelo homem aos produtos criados por ele, consciente ou inconscientemente. O conhecimento é necessário para a criação gráfica que, aliada às técnicas de execução, pode restringir a capacidade criativa e aumentar o nível técnico do trabalho.

Para o sucesso do trabalho a estética é fundamental. O projeto gráfico de uma página vai além da diagramação de textos e imagens. A construção e estruturação dos elementos deve ser trabalhada conscientemente.

Na estruturação de uma peça gráfica destaca-se a composição que pode ser simétrica ou assimétrica.

Uma das propriedades da composição simétrica é a serenidade, que confere ao projeto um conceito de ponderação e estática, que fazem uso da tipografia clássica e buscam inspirar respeito ao receptor.

Allen Hurlburt (2002) e Rudolf Arnheim (2008) têm opiniões semelhantes quanto ao equilíbrio. Para ambos o equilíbrio é um elemento importante para o sucesso do projeto gráfico, desde que este apresente simetria, que faz entender o equilíbrio formal do projeto, com o centro da página servindo de ponto de apoio e a área total apresentando divisões uniformes nos dois lados. O projeto pode se



caracterizar, também, por um estilo assimétrico, que proporcionará múltiplas opções e tensões, provocadas pela inexistência de um centro definido.

A funcionalidade e a estética são conseguidas a partir das leis compositivas que, segundo Collaro (2000), devem levar em conta a justaposição dos componentes dentro da proporção dos formatos, a tipologia, a distribuição de brancos, a força dos traços e ornamentos. Leis gerais e específicas regem o layout e são denominadas de unidade e ritmo.

A escolha das fontes, das imagens e o formato conferem unidade ao projeto. A unidade é avaliada como muito importante, pois dá harmonia ao projeto.

Segundo Collaro (2000, p. 115-116):

As leis específicas são os recursos que utilizamos para cumprir corretamente as leis gerais de unidade e ritmo. A variedade, o destaque, a harmonia e o contraste são relacionados com a unidade. A simetria e a intensidade estão relacionadas com as leis de ritmo.

A variação da cor dos caracteres pode ser utilizada, mas com bom senso. O contraste é conseguido por variação tonal. A aplicação correta das imagens, das margens e dos grisés e brancos conferem equilíbrio à composição, segundo o autor. O uso coerente dos pontos e das linhas, elementos materiais do projeto, conferem um bom aproveitamento visual. (COLLARO, 2000)

Em concordância com Collaro quanto ao contraste, Hurlburt (2002) afirma também que dois fatores na percepção visual podem intensificar a efetividade do contraste. A ilusão de um objeto escuro parecer mais próxima de um objeto claro e a forma com que um objeto escuro pode parecer mais escuro se estiver aplicado em uma superfície clara (da mesma forma que um objeto claro pode parecer mais claro se estiver em uma superfície escura). O contraste ocorre entre as cores neutras e de alta intensidade.

5.1 TIPOGRAFIA

A qualidade de leitura que as famílias tipográficas possuem em relação a outras é chamada de legibilidade. Associada à visibilidade e a outros parâmetros como a diagramação, o suporte e o tipo de impressão ou apresentação no meio digital, a legibilidade permite que a peça gráfica sensibilize o público-alvo e modifique o seu comportamento. (COLLARO, 2000)

A diagramação dos textos, composto em uma determinada fonte, em uma página é de fundamental importância para a legibilidade. A quantidade de caracteres em uma linha e o corpo ideal – que deve ser estudado para o público para o qual a publicação se destina – estão entre as premissas que o designer deve levar em conta.



De acordo com Collaro (2000), textos compostos com corpo 24 são indicados para menores de 7 anos; para crianças de 7 a 8 anos o corpo 18 é o ideal. Crianças de 8 a 9 anos, corpo 16; de 9 a 10 anos, corpo 14; de 10 a 11 anos, corpo 12; a partir dos 12 anos, corpo 10, que também é indicado para os adultos alfabetizados.

No caso dos títulos, antes de serem lidos eles são olhados, daí a importância da escolha cuidadosa das fontes e dos corpos em que serão compostos.

Algumas fontes possuem grandes famílias que apresentam conjuntos de caracteres com diversas variações, como a inclinação do traço, o espaçamento entre as letras e níveis de negrito. (COLLARO, 2000)

O projeto do tipo é o que define uma fonte. Características básicas, definidas e constantes fazem com que o conjunto de caracteres possua uma personalidade estética.

A presença ou ausência de serifa é um dos principais identificadores de um tipo. Baroni (1998, p. 83) define da seguinte forma este elemento gráfico:

[...] *Serifa* pode ser compreendida como uma linha delgada, mais fina que aquelas que compõem propriamente o caractere, traçada na sua parte superior e/ou inferior, ornamentando as extremidades dos seus traços principais.

De acordo com a definição de quem projeta o tipo, as serifas irão facilitar o alinhamento e a leitura dos textos.

Outra característica para definição dos tipos é o destino para o qual foram projetados. Existem fontes que são mais adequadas para compor textos corridos, pois permitem uma melhor legibilidade em corpos pequenos. Outras fontes têm aproveitamento melhor quando utilizadas em títulos e manchetes, sendo impressas ou utilizadas em meio digital. (BARONI, 1998)

Para Colaro (2000), se o intuito é demonstrar força, os caracteres pretos são indicados para os títulos, devido ao contraste que apresentam em relação ao restante da mancha gráfica. Tipos normais costumam ser largos, ao contrário dos estreitos, que são ilegíveis e pouco recomendáveis para títulos.

Segundo Luiz Carlos Baroni (1998), as letras, os sinais e os símbolos que representam os sons de um idioma, por meio de associações e convenções históricas, apresentam propriedades específicas em sua apresentação visual.

Para Baroni (1998, p. 82), “uma *Fonte* é um conjunto completo, diferenciado, desses símbolos gráficos, individualizado e personalizado por uma estrutura minuciosamente detalhada.”

Os símbolos, como meios frios, atuam de maneira diferente do alfabeto fonético, considerado um meio quente. A elevação a um alto grau de intensidade visual e abstrata faz com que o alfabeto se transforme em tipografia. (MCLUHAN, 2005)



Além da necessidade estética, a diversidade de fontes existe também para facilitar a comunicação, porém, atualmente a tecnologia permite a criação e manipulação de fontes, ocasionando o aparecimento de tipos que muitas vezes representam os sinais gráficos com formas incompreensíveis e de qualidade questionável. Não é conveniente que estas fontes sejam utilizadas nos formulários, pois este veículo possui características como a agilidade na comunicação, com leitura fácil e imediata, que não pode ser prejudicada por tipos adornados. (BARONI, 1998)

A escolha de uma determinada fonte não deve ser um ato isolado, descompromissado do conjunto do impresso ou formulário; pelo contrário precisa buscar harmonia, adequação e coerência, para que a fonte em si seja apenas tão somente mais um componente. (BARONI, 1998, p. 82)

A partir das informações obtidas por meio da análise dos textos citados, foi possível definir a tipografia utilizada nos formulários.

Os arquivos desenvolvidos para o Grupo Escoteiro Ilha de Vitória utilizam as fontes da família Arial, que têm por característica principal a ausência de serifa. Esta fonte foi considerada adequada para os documentos, pois a ausência de serifas e adornos permite boa leitura em tela. Outro ponto fundamental para a escolha desta fonte é o fato de ela estar presente na maioria dos computadores. Estar instalada no sistema operacional é de extrema importância, pois o documento pode ter suas características alteradas, com relação à tipografia, caso a fonte utilizada no formulário original não esteja instalada no computador do usuário.

Mais detalhes sobre a tipografia utilizada nos documentos serão apresentados no capítulo que aborda o projeto gráfico.

5.2 Alfabetismo visual

O termo *alfabetismo visual* é melhor esclarecido a partir de Dondis (2007, p. 15-16):

[...] A existência da linguagem, um modo de comunicação que conta com uma estrutura relativamente bem organizada, sem dúvida exerce uma forte pressão sobre todos os que se ocupam da idéia mesma do alfabetismo visual. Se um meio de comunicação é tão fácil de decompor em partes componentes e estrutura, por que não o outro? Qualquer sistema de símbolos é uma invenção do homem. Os sistemas de símbolos que chamamos de linguagem são invenções ou refinamentos do que foram, em outros tempos, percepções do objeto dentro de uma mentalidade despojada de imagens. Daí a existência de tantos sistemas de símbolos e tantas línguas, algumas ligadas entre si por derivação de uma mesma raiz, e outras desprovidas de quaisquer relações desse tipo. Os números, por exemplo, são substitutos de um sistema único de recuperação de informações, o mesmo acontecendo com as notas musicais. Nos dois casos, a facilidade de aprender a informação codificada baseia-se na síntese original do sistema. Os significados são atribuídos, e



se dota cada sistema de regras sintáticas básicas. [...] Em termos comparativos, a linguagem visual é tão mais universal que sua complexidade não deve ser considerada impossível de superar. As linguagens são conjuntos lógicos, mas nenhuma simplicidade desse tipo pode ser atribuída à inteligência visual, e todos aqueles, dentre nós, que têm tentado estabelecer uma analogia com a linguagem estão empenhados num exercício inútil.

Dondis em *Sintaxe da linguagem visual* (2007), discorre sobre a importância da visão nos sentidos humanos. Ele destaca que apesar de não sabermos tudo sobre ela, o conhecimento é grande e é obtido a partir de sistemas de trabalho para o estudo e a análise dos componentes das mensagens visuais.

O alfabetismo visual pode ser buscado em vários lugares, como nos métodos de treinamento de artistas, na formação técnica de artesãos, na teoria psicológica, na natureza e no funcionamento fisiológico do organismo humano.

Existem elementos básicos que são apreendidos e compreendidos pelos estudiosos dos meios de comunicação visual, que podem ser usados para a criação de mensagens visuais. O conhecimento de todos esses fatores possibilita uma melhor compreensão destas mensagens. (DONDIS, 2007)

A informação visual pode ser percebida de várias formas, entre elas a partir das forças cinestésicas que são importantes no processo de percepção visual. Os nossos movimentos, a manutenção do equilíbrio, as nossas reações ao perigo e ao excesso ou falta de luz são fatores que se relacionam com a forma com que recebemos e interpretamos as mensagens visuais.

Segundo Dondis, apesar destas reações serem naturais, não é necessário estudá-las para aprender a utilizá-las. Elas são influenciadas pelo estado psicológico e por situações culturais e ambientais, não atuando diretamente no sistema visual, que é básico e comum ao ser humano, estando sujeito a variações nos temas estruturais básicos.

Para Dondis a complexidade é uma característica dominante da sintaxe visual, não sendo empecilho à definição, fazendo com que a linguagem seja mais precisa e lógica do que os sistemas visuais. (DONDIS, 2007)

Além do texto, existem outros elementos que farão parte do projeto gráfico dos formulários. É importante saber como utilizar o ponto, a linha, e as imagens ao serem diagramados e também como se dá a leitura e o entendimento destes.

No início do século XX, na mesma época em que ocorriam grandes mudanças na arte e no design, estudos sobre a percepção foram realizados. Tais estudos são considerados como o início da psicologia Gestalt. (HURLBURT, 2002)

A Gestalt é explicada por Allen Hurlburt (2002, p. 136) da seguinte forma:



A palavra alemã *Gestalt* não é facilmente traduzível para o português. “Imagem” e “forma” são as expressões que mais se aproximam do significado original, que todavia constitui uma combinação de vários elementos para formar um todo, como acontece no design ou criação de um layout.

A nossa capacidade de reunir e de agrupar padrões visuais é conhecida como organização perceptiva, relaciona-se com a tendência do olho humano em agrupar as várias unidades de um campo visual para formar um todo. “Este princípio conceitua a visão como uma experiência criativa, não como um simples ato de ver.” (HURBURT, 2002, p. 136)

É esta nossa capacidade de reunir e de agrupar padrões visuais, de perceber unidades de uma maneira global, que nos permite “aceitar” uma página impressa como um todo único. A este fenômeno de percepção é que se deve a necessidade de soluções de design que possam agrupar todos os diferentes elementos num conceito total. Os princípios Gestalt não apenas ensinam como podemos combinar dados sensoriais para formar objetos, como também sugerem explicações para o fato de admitirmos a ilusão da tonalidade criada por pontos de meio-tom, a arte simplificada dos cartuns, o significado dos símbolos e a inquietação dos trabalhos abstratos. Os trabalhos Gestalt sobre a visão humana igualmente conseguem explicar por que algumas vezes somos capazes de ver imagens que não existem — como o cavalo de São Jorge na Lua —, imagens mutáveis formadas pelas nuvens ou ainda imagens formadas pelas manchas do teste de Rorschach, de utilização comum na psicologia. (HURBURT, 2002, p. 136-137)

Hulburt (2002) afirma que as experiências realizadas pelos estudiosos da Gestalt confirmaram que as palavras, a disposição ou arranjo destas, são mais importantes para a legibilidade tipográfica do que a forma e as características individuais das letras.

Para Dondis (2007), a tendência para associar a estrutura verbal e a visual pode ser compreendida a partir dos três níveis distintos e individuais intrínsecos aos dados visuais. O *input*, que reúne vários sistemas de símbolos; o material visual *representacional*, que identificamos no meio ambiente, e a estrutura *abstrata*, que é a forma de tudo o que vemos.

Os inúmeros e mais variados símbolos, figurativamente elaborados ou abstratos, podem exigir uma aprendizagem para que sejam lidos, da mesma forma como aprendemos uma nova língua.

O desenvolvimento da linguagem escrita, pelo homem, para que fosse possível preservar os acontecimentos e experiências, foi lenta e difícil. Quando não é possível representar palavras por imagens, símbolos são criados, pois estes, ao contrário das imagens, exigem pouca habilidade especial. Na linguagem escrita as imagens são abandonadas e os sons são representados por símbolos.



Dondis (2007, p. 20) explica:

O alfabetismo é infinitamente mais acessível à maioria que disponha de uma linguagem de símbolos sonoros, por ser muito mais simples. A língua inglesa utiliza apenas vinte e seis símbolos em seu alfabeto. Contudo, as línguas que nunca foram além da fase pictográfica, como o chinês, onde os símbolos da palavra-imagem, ou ideogramas, contam-se aos milhares, apresentam grandes problemas para a alfabetização em massa. Em chinês, a escrita e o desenho de imagens são designados pela mesma palavra, *caligrafia*. Isso implica a exigência de algumas habilidades visuais específicas para se escrever em chinês. Os ideogramas, porém, não são imagens.

MacLuhan (1977, p. 66) reforça Dondis ao tratar da percepção e do alfabetismo visual:

[...] A alfabetização dá às pessoas o poder de focalizar um pouco à frente da imagem de modo a poder captá-la, por inteiro, num golpe de vista. As pessoas não-alfabetizadas, não havendo adquirido esse hábito, não contemplam os objetos como o fazemos. Ao contrário, percorrem os objetos e imagens como costumamos fazer com uma página impressa, segmento por segmento. Não têm, portanto, um ponto de observação exterior à cena, ou ao objeto. Deixam-se absorver inteiramente por ele e o passam a viver. Os olhos não o vêem em perspectiva, porém taticamente, por assim dizer. Os espaços euclidianos que dependem muito de separar a vista do tacto e do som não lhes são conhecidos.

Os símbolos são importantes, principalmente quando estão envolvidos no alfabetismo visual. Entender o funcionamento destes no processo de visão e a forma com que são compreendidos pode facilitar a sua aplicação na comunicação. (DONDIS, 2007)

Para Arnheim (2008, p. 5), “a experiência visual é dinâmica. [...]”. A partir deste ponto de vista, entende-se que a percepção que as pessoas fazem das cores, formas, movimentos, tamanhos e arranjos de objetos é uma interação de tensões dirigidas, sendo que estas tensões não são acrescentadas pelo observador às imagens estáticas.

Presentes em percepções como tamanho, configuração, localização ou cor, estas tensões, quando possuem magnitude e direção, são descritas como forças psicológicas.

Tais induções perceptivas diferem das inferências lógicas. Inferências são operações mentais que acrescentam algo aos fatos visuais dados, ao interpretá-los. Induções perceptivas são às vezes interpolações que se baseiam em conhecimento adquirido previamente. Caracteristicamente, contudo, são conclusões derivadas espontaneamente durante a percepção de determinada configuração do padrão. (ARNHEIM, 2008, p. 6)

Vários autores apontam a importância de entender a forma como o ser humano capta e decodifica as informações visuais transmitidas a ele. Entre estas informa-



ções estão as palavras e os símbolos, que dependendo do grau de complexidade, necessitam de uma informação prévia para serem compreendidos.

O conhecimento de como o homem faz a leitura dos símbolos e das palavras permitirá que os formulários sejam projetados adequadamente, norteando-se pelos estudos e conhecimentos fornecidos pela Gestalt.

5.3 Símbolo

Teixeira Coelho (1991) considera o símbolo, ou signo, aquilo que representa seu objeto em decorrência de um acordo ou convenção. Ao contrário do ícone, que tem por intuito assemelhar-se ao assunto que busca representar, o símbolo não possui nenhum traço em comum com o seu objeto e nem faz ligação a ele. O símbolo não exige que o receptor conheça o objeto e não possui relação com a coisa significada, ou seja, não é efêmero.

Em concordância com Coelho, Dondis (2007) afirma que o nível simbólico compreende o vasto universo de sistemas de símbolos criados arbitrariamente, ao qual são atribuídos os significados.

Allen Hurlburt (2002) considera que os símbolos possuem papel de destaque desde as primeiras manifestações humanas e, apesar da velocidade alcançada pela comunicação moderna, ainda são utilizados para solucionar alguns problemas de comunicação.

É possível concluir, portanto, que, caso haja a necessidade de utilização de símbolos nos formulários, deverá haver um cuidado para que haja uma comunicação correta com o receptor. O cuidado deve ser dado também aos ícones para que representem adequadamente os objetos, evitando uma falsa interpretação.

5.4 Diagrama

Hurlburt (2002) considera que um diagrama é uma solução planejada para determinados problemas. Quando bem projetado, o diagrama permite a organização do conteúdo de diversas maneiras, em um espaço delimitado, sem, entretanto, sair da estrutura determinada. Ele dá sentido de sequência e unidade, mesmo havendo variações no conteúdo.

O cuidado em planejar as divisões horizontais e verticais é de extrema importância no projeto do diagrama, que pode ser elaborado a partir do bom senso do designer ou levando em conta regras estabelecidas pela divisão do espaço, como a divisão áurea. (HURLBURT, 2002)

Na concepção de Samara (2007), a estrutura simples e primária do diagrama retangular permite uma leitura agradável que, por meio do ajuste das proporções das margens, cria o interesse visual.



Para Collaro (2000), uma forma simples de diagramar e atingir um resultado satisfatório é dividir a página em quatro módulos, ocupando os espaços simetricamente.

Quando bem projetado, o diagrama apresenta bom resultado estético e funcionalidade. Isto pode ser conseguido quando se utiliza uma série de unidades que podem produzir um sentido de seqüência e continuidade, diferindo o todo pela padronização. (HURLBURT, 2002)

Samara (2007) demonstra opinião semelhante ao afirmar que os diagramas são princípios organizadores no design gráfico e um sistema de planejamento que divide a informação em partes manuseáveis, que ajudam ao leitor entender seu significado.

A distribuição de itens parecidos em formas análogas faz com que estas semelhanças sejam destacadas e identificadas. “[...] Em certo sentido, o grid [sic] é como um fichário visual.” (SAMARA, 2007, p. 9)

A melhor forma de organizar símbolos, campos de textos e tabelas é ordenar em níveis visuais e organizativos. A rápida diagramação é possível a partir das questões de design que já foram solucionadas ao se projetar o trabalho. (SAMARA, 2007)

De acordo com Dondis (2007) a composição está nivelada e apresenta o mínimo de tensão quando há um ajuste dos elementos visuais que situam-se nas áreas de tensão. Os elementos situados nestas áreas têm mais peso que os elementos nivelados. Entende-se por peso a capacidade de atrair o olho para determinada área da composição.

Ainda segundo Dondis, a tensão visual é maximizada pelo favorecimento do olho pela zona inferior esquerda de qualquer campo visual. Possivelmente esta influência deve-se ao modo ocidental de impressão e pelo condicionamento da leitura da esquerda para a direita.

O eixo sentido, a base estabilizadora horizontal, o predomínio da área esquerda sobre a direita e da metade inferior sobre a superior do campo são indicativos de uma composição nivelada. (DONDIS, 2007)

Para Dondis (2007, p. 32) “a mais importante influência tanto psicológica como física sobre a percepção humana é a necessidade que o homem tem de equilíbrio.” O equilíbrio é a referência visual mais forte e presente no homem, e opera de forma intuitiva e inconsciente.

Para o físico, equilíbrio é o estado no qual as forças, agindo sobre um corpo, compensam-se mutuamente. Consegue-se o equilíbrio, na sua maneira mais simples, por meio de duas forças de igual resistência que puxam em direções opostas. A definição é aplicável para o equilíbrio visual. [...] (ARNHEIM, 2008, p. 11)



5.5 Traço

O traço, também denominado linha, ou fio, é o elemento de ligação nos formulários, tendo como função a organização dos textos e o direcionamento da seqüência dos assuntos. Ele orienta o preenchimento do formulário nos limites definidos previamente.

Os traços apresentam diversas espessuras e formatos que podem ser utilizados para hierarquizar e enfatizar dados que necessitem de uma atenção especial. (BARONI, 1998)

Dondis (2007) conceitua a linha como um articulador espontâneo da forma, tanto para liberdade instável do esboço quanto para a rigidez de um projeto técnico. Ela, pela própria natureza, possui grande energia e é o instrumento importante da pré-visualização.

A linha, quando rigorosa e técnica, serve como elemento fundamental em projetos de diagramação. (DONDIS, 2007)

5.6 Cor

Collaro (2000) considera que as cores e seus tons impõem reações psicológicas peculiares a cada indivíduo, cabendo ao designer ter o conhecimento destes princípios para provocar no receptor a reação psicológica necessária ao objetivo.

A aplicação intencional da cor, ou do objeto (considerando-se a sua cor), possibilitará ao objeto (ou estímulo físico) que contém a informação cromática receber a denominação de *signo*. Ao considerarmos uma aplicação intencional da cor, estaremos trabalhando com a informação "latente", que será percebida e decifrada pelo sentido da visão, interpretada pela nossa cognição e transformada numa informação atualizada. (GUIMARÃES, 2004, p.15)

Dondis (2007) compartilha da mesma opinião que Collaro. Para ele a cor é cheia de informação e é uma das mais fortes experiências visuais que todos têm em comum. Ela é uma fonte de valor inestimável para o designer, pois cada uma das cores possui inúmeros significados associativos e simbólicos com um vasto vocabulário que é útil para o alfabetismo visual.

Luciano Guimarães em *A cor com informação: a construção biofísica, lingüística e cultural da simbologia das cores*, considera que o simbolismo para a informação visual pode diferir de uma cultura para outra, com os valores cromáticos diferindo-se também de acordo com a faixa sociocultural.

Construídos por códigos culturais, estes valores interferem de maneira direta na forma como recebemos e selecionamos as informações. Guimarães (2004) cita exemplos de jornais diários direcionados para determinados segmentos do



público consumidor (representados pelas classes D e E), com os jornais populares apresentando maior contraste entre as cores, com predominância para as primárias e secundárias sem atenuações ou degradês e combinações entre as cores complementares. Os jornais lidos pelas classes A e B utilizam combinações sóbrias com tons atenuados e suaves degradês. O público intermediário entre os dois grupos tem os periódicos apresentados com cores puras e saturadas sem confronto de complementares e com degradês com cores mais intensas, traduzindo-se em uma linguagem intermediária.

A influência nos padrões e normas estéticas que definem a sofisticação do olhar costuma ser determinada pela condição sociocultural. Quanto maior a condição, menor será a cor necessária para satisfazer o olhar e compreender a informação. Guimarães (2004, p. 111) explica:

[...] Um exemplo dessa relação pode ser encontrado não só nas preferências cromáticas de vestimentas e produtos industrializados em geral, como na própria manipulação da intensidade das cores que o telespectador determina nos controles de seu aparelho de TV deixando as cores mais vivas e mais próximas ao desenho animado (nas classes D e E) ou mais suaves, equilibrando as cores a partir da referência da cor da pele (nas classes A e B).

5.6.1 Nomeando as cores

Vermelho

O vermelho, muitas vezes associado à raiva significa também perigo, amor, calor, vida e muitos outros significados. (Dondis, 2007)

Guimarães (2004) concorda com Dondis e aprofunda os conceitos e exemplos quanto à cor vermelha, que encontra-se no limite entre a cor visível, originando parte da agressividade que possui essa cor.

A agressividade, no vermelho, possui códigos primários e biofísicos, que somados à identificação desta cor com elementos como a proibição e violência faz com que o vermelho possua também os códigos terciários, que estão ligados à cultura. A outra hipótese é que os raios vermelhos teriam seu ponto de convergência atrás da retina, formando uma imagem mais forte devido à predominância no campo visual. O vermelho possui significados opostos, como violência e paixão ou guerra e amor. (GUIMARÃES, 2004)

De acordo com Collaro (2000) o vermelho libera sensações de alegria, força e vitalidade, possuindo a propriedade de aumentar a transmissão por ser classificada como uma cor quente.

Guimarães (2004, p. 118) tem outras explicações para a cor vermelha:



Vermelho, cor do amor divino. Assim, em sentido positivo, o vermelho buscará toda a sua força no sangue de Cristo, sendo, para a cultura cristã, [...] Como se trata de um vermelho mais amarelado, carrega consigo o calor e o brilho do sol. A medicina se utilizará desse vermelho: a cruz vermelha indicará o sangue da vida, da medicina curativa. [...] O amor será também simbolizado pela estilização simétrica (a pureza da forma) do coração, em vermelho. [...]

Vermelho, cor de Dionísio. Para a cultura pagã, no entanto, o vermelho é mais forte: é cor da maçã do Paraíso (fonte de pecado), do vinho e das vestimentas de Baco, de Dionísio, do amor carnal, da paixão, do coração, dos lábios do erotismo e da atração. A paixão aquece como o fogo. Há o jogo entre amor e pecado e uma relação com o tato: o vermelho, como representante do fogo, aquecerá os amantes e o mesmo fogo indicará a cor da proibição: não toque no fogo! A cor da transgressão torna-se a cor da proibição. O pecado é assimilado também como proibição e interdição e, do medo do tocar no fogo, como perigo. [...]

Cinza

De acordo com Collaro (2000), o cinza é uma cor neutra, que assume diferentes reações nas combinações feitas com ela. Pode traduzir tristeza, angústia, desânimo e transmitir sensação de sujeira quando aplicada em tons escuros.

Azul

O azul é a cor que costuma ser preferida pelos adultos, simbolizando lembranças distantes. Transmite sensação de discrição e calma por ser dinâmica e traduzir viagens imaginárias. Exprime profundidade e introversão, sendo ligada à feminilidade. (Collaro, 2000)

Branco

Para Collaro (2000) o branco sugere pureza, estando sempre ligado a um sentimento de paz e solidão.

5.6.2 Utilização das cores

Collaro, Guimarães e Dondis possibilitam o entendimento de como as culturas traduzem o significado das cores, possibilitando um embasamento para que sejam utilizadas no projeto dos formulários de acordo com as necessidades de uso para este recurso.



5.7 Projeto dos formulários

5.7.1 Formato do suporte

O formato que melhor se adéqua ao projeto dos formulários é o A4. Este formato é de uso popular e permite, quando necessário, a impressão dos formulários a partir de impressoras pessoais.

5.7.2 Diagrama

Devido à estrutura dos formulários ser baseada em campos e tabelas, é necessário que o máximo possível das informações esteja contido em uma só página para que não haja divisão do conteúdo. O modelo de diagrama que melhor se adéqua a este requisito é uma estrutura retangular, que ficará contida em pequenas margens próximas às bordas da folha. Esta programação permite melhor aproveitamento do espaço, deixando uma grande área disponível para a inserção das informações.

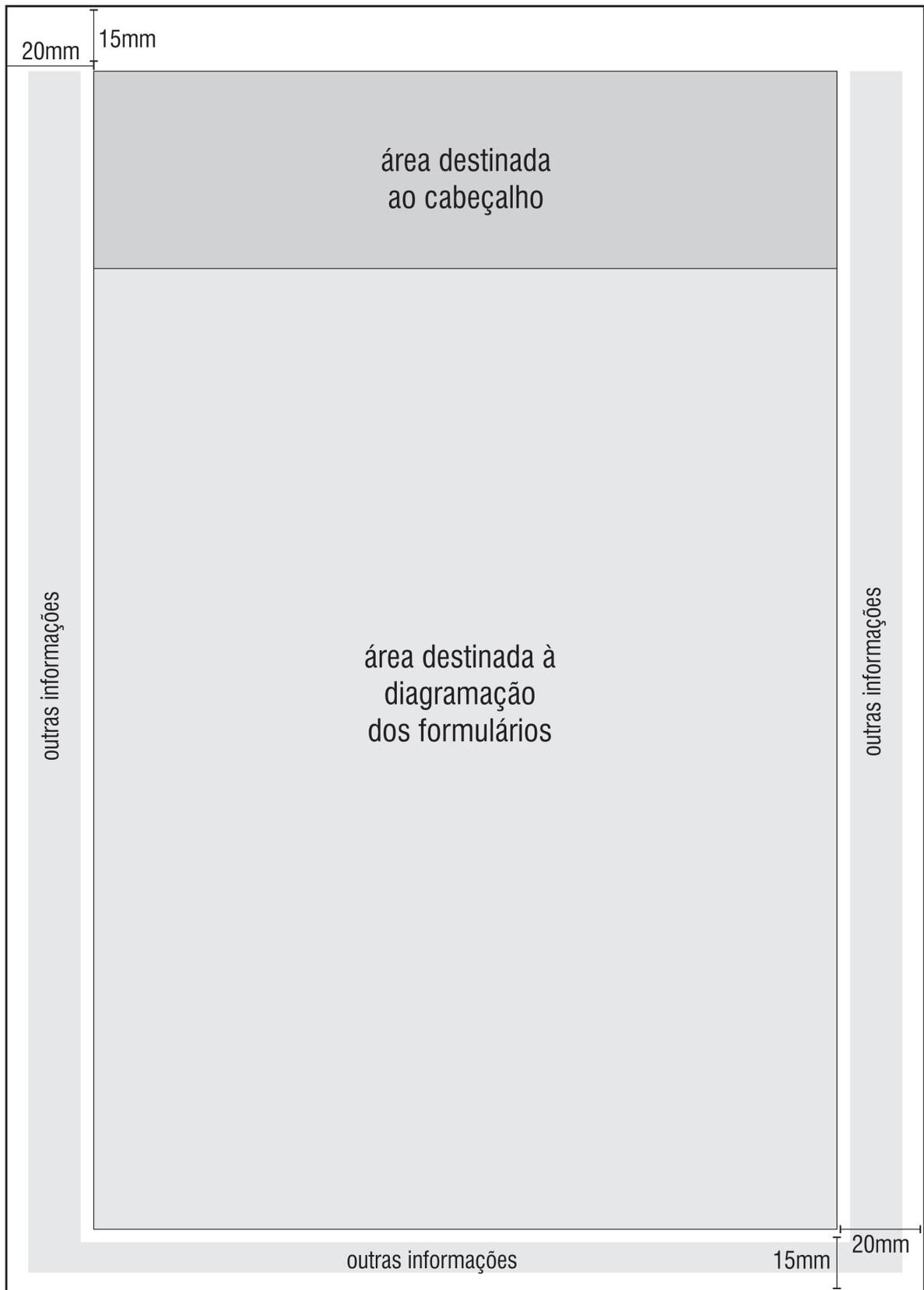
As margens superior e inferior ficarão a 15mm de distância da borda e as margens laterais a 20mm. Estas dimensões situam-se no limite máximo para que ofereçam segurança na impressão dos dados, pois a maioria das impressoras utiliza de 5 a 10 mm das bordas do papel para que consigam puxar as folhas para serem impressas.

O diagrama se caracterizará por duas divisões principais. Uma na área superior que será destinada ao cabeçalho, e outra maior, que abrigará os campos dos formulários.

Este diagrama principal servirá para delimitar a área a ser utilizada, a mancha gráfica. Porém algumas informações poderão ser colocadas fora da delimitação da mancha, para que não interfiram no espaço de preenchimento dos formulários. Os dados fixos, como endereços, observações e identificação dos formulários serão diagramados a uma distância de 3mm das margens e de 5mm das laterais da folha.

Havendo mais de uma folha para o formulário, não é necessário que ela tenha a área do cabeçalho, que já identifica todo o documento. Se necessário, alguns dados específicos serão inseridos no topo da página, compondo um cabeçalho.

A ilustração a seguir exemplifica as medidas e as áreas destinadas às informações.





5.7.3 Cabeçalho

Entre os elementos fixos dos formulários destaca-se o cabeçalho. A área destinada será de 17cm x 4,5cm. O espaço deverá conter as seguintes informações:

- ▶ Logotipo do 11º Grupo Escoteiro Ilha de Vitória;
- ▶ Região do Espírito Santo;
- ▶ União dos Escoteiros do Brasil;
- ▶ Título do formulário.

As informações foram diagramadas de cinco diferentes formas:

 <p>Fundado em 25 de maio 1996</p> <p>União dos Escoteiros do Brasil Região do Espírito Santo</p>	TÍTULO DO FORMULÁRIO	1
--	-----------------------------	---

TÍTULO DO FORMULÁRIO	 <p>Fundado em 25 de maio 1996</p> <p>União dos Escoteiros do Brasil Região do Espírito Santo</p>	2
-----------------------------	---	---

 <p>Fundado em 25 de maio 1996</p>	União dos Escoteiros do Brasil - Região do Espírito Santo	TÍTULO DO FORMULÁRIO	3
---	---	-----------------------------	---

União dos Escoteiros do Brasil Região do Espírito Santo	 <p>Fundado em 25 de maio 1996</p>	TÍTULO DO FORMULÁRIO	4
--	---	-----------------------------	---

 <p>Fundado em 25 de maio 1996</p>	União dos Escoteiros do Brasil Região do Espírito Santo	TÍTULO DO FORMULÁRIO	5
---	--	-----------------------------	---



Levando-se em conta a bibliografia lida para este trabalho, a composição de número cinco possibilita a aplicação do logotipo do grupo escoteiro com um tamanho maior, obtendo melhor destaque (como nas composições três e quatro). Estes três exemplos transmitem a sensação de um melhor equilíbrio devido à distribuição dos elementos.

A imagem de número três apresenta as organizações *União dos Escoteiros do Brasil* e *Região do Espírito Santo* na mesma linha. Nos exemplos quatro e cinco são apresentadas uma abaixo da outra, permitindo uma melhor leitura.

Visualmente o exemplo número cinco apresenta melhor destaque para o título, que ocupa uma posição à direita. Esta composição, que possui as características de equilíbrio e horizontalidade, apresenta-se como a melhor opção de diagramação para os elementos que a compõe, além de destacar o título do formulário sem criar desequilíbrio para o todo.

A fonte utilizada para *União dos Escoteiros do Brasil* e *Região do Espírito Santo* foi a Arial negritada, em corpo 10 na cor preta a 100%.

A fonte utilizada para o título é a Arial, em negrito, corpo 16, em azul (C87, M54, Y0, K0) que possibilita um destaque leve ao título e relaciona-se ao logotipo do grupo escoteiro que possui o mesmo azul que, de acordo com Collaro (2000), é a cor que costuma ser preferida pelos adultos.

O espaço em que é aplicado o título possibilita a inclusão de até duas linhas de texto sem afetar a diagramação do cabeçalho e, se necessário, incluir outra informação para o formulário.

5.7.4 Tabelas e campos de formulário

Os campos onde serão colocadas as informações foram projetados para que os dados sejam inseridos manualmente e digitalmente sem colocar em risco a legibilidade das informações.

A divisão dos campos será efetuada por meio de fios, que poderão variar de 0,5 a 1 ponto de espessura, em preto 50%. Esta apresentação possibilita uma delimitação da área sem poluir ou carregar a apresentação do todo. A espessura e a cor das linhas permitem uma boa visualização em meios digitais e também ao serem impressas.

Dependendo da informação a ser inserida e do espaço do campo, o tema poderá ser localizado na parte superior esquerda, com a informação sendo inserida abaixo ou à esquerda do campo, com os dados sendo inseridos à direita. A fonte utilizada é a Arial, que é uma fonte comum a todos os computadores. O corpo 10 dela permite uma boa leitura e é adequado para que o maior número de caracteres caibam no espaço a eles destinado.



A união de vários campos formará tabelas que poderão ser divididas para que transmitam a informação de que o tema tratado é diferente. Eventualmente, quando for necessário chamar a atenção para alguma tabela dentro do formulário, o vermelho será utilizado nos fios. Como já foi citado, esta cor possui propriedades que fazem dela ideal para ressaltar informações importantes.

Para facilitar a identificação das tabelas dentro do formulário, títulos poderão ser utilizados para nomear aquelas que possuam características próprias. Os títulos utilizam a fonte Arial, corpo 9, em azul. Esta cor não chama tanto a atenção quanto o vermelho, mas permite que haja uma distinção para os títulos com menos peso.

A seguir é possível verificar como é apresentada a estrutura e alguns dos componentes citados anteriormente:

NOME		
Nascimento:	Idade:	Sexo:
DADOS PESSOAIS DO MEMBRO BENEFICIÁRIO		
Nacionalidade:	Naturalidade:	
Religião:	Identidade:	
Grau de instrução:	Escola atual:	
Endereço:		
Bairro:	Cidade:	CEP:
Tel:	Cel:	E-mail:
MSN:		

O exemplo permite verificar os espaços dos campos que podem ser preenchidos a partir do meio impresso. Para que informações sejam inseridas a partir do meio digital o formulário terá, na área dos campos, caixas que permitem a inserção de textos ou a escolha de informações em uma lista ou a marcação de uma opção. Tais recursos possibilitam que muitos dados sejam colocados em um só campo, principalmente quando o que deverá ser inserido encontra-se em uma lista com dados específicos. As informações contidas nesta lista só podem ser acessadas a partir do meio digital, e para que possam ser visualizadas no meio impresso, serão colocadas na área destinada para outras informações, localizadas nas laterais do formulário.

Os campos de texto permitem a inserção de informações em uma área específica com o número de caracteres permitidos. Não é possível adicionar mais texto além do que o campo permite. Este recurso evita que haja a perda de formatação do formulário (que ocorre em formulários que não utilizam um documento fechado, como o Adobe PDF).

Os campos de texto terão o fundo preto a 30%. O intuito em marcar os locais onde as informações serão inseridas é indicar onde se pode digitar o texto, pois



essa possibilidade é uma novidade para muitos usuários, principalmente quando utilizam os arquivos em PDF.

ALERGIAS*			
			Outra:
Como se manifesta a alergia:		Dificuldade em respirar	Cocceira
Outros:	escolha uma opção		
MEDICAMENTOS	AAS	COSTUMEIRAMENTE EM CASO DE**	
	Dipirona		
	Iodo		
	Mercúrio		
	Mofo		
	Penicilina		
Outros:		Outros:	
Restrição física:		Restrição alimentar:	

5.8 Outros elementos

Na configuração dos formulários haverá elementos necessários à identificação dos grupos escoteiros e dos próprios formulários.

Junto à margem esquerda, fora da mancha gráfica, o endereço do grupo foi inserido. Estas informações foram colocadas neste local para que não componham a área a ser diagramada, impedindo que o espaço reservado aos campos dos formulários seja ocupado por outras informações.

Os arquivos principais possuem nomenclatura específica, que visa facilitar a localização e a referência do arquivo ao assunto tratado por ele.

Os arquivos foram divididos em três categorias: Solicitação, Autorização e Relatório.

Cada nome do formulário inicia-se com a letra “F” – de formulário – seguida da letra referente à categoria. Às letras foi acrescentada uma seqüência numérica de três dígitos para possibilitar a diferenciação dos arquivos da mesma categoria. Este sistema permite ao usuário o reconhecimento dos documentos também pelos códigos e não apenas pelo nome que o caracteriza, como, por exemplo, o formulário para solicitação de atividade externa, que ficou nomeado da seguinte forma: FS005_solicitacao_atividade_externa.

No canto inferior direito de cada documento está grafado o código referente a ele. Isto permitirá o reconhecimento e a busca do arquivo no banco de dados.

Utilizando o exemplo dado anteriormente, no canto inferior direito do formulário de solicitação de atividade externa o usuário encontrará o código FS005.

Logo após a identificação do formulário, quando o documento possuir mais de uma página, estarão grafados a respectiva página e o número total de páginas



do documento. Dessa forma, quando o documento possuir quatro páginas, a primeira página terá a seguinte numeração: 1/4 (página um de quatro).

Em alguns formulários, fora da mancha gráfica, na margem inferior, é apresentada uma série de documentos que possuem relação com o tema do formulário. Tomando como exemplo o formulário de solicitação de condecorações e recompensas, são listadas as legislações do Movimento Escoteiro que tem relação com o assunto do formulário. A inserção destas tem por intuito agregar ao formulário informações relacionadas ao preenchimento.

5.9 Diagramação dos formulários

A partir dos modelos de formulários coletados foi realizado um estudo direcionado para as disposições incorretas das informações neles contidas e o que deveria ser evitado para que os novos documentos não apresentassem os mesmos problemas.

Espaços pequenos para adicionar os dados e a falta de hierarquia eram bastante recorrentes e foram os principais problemas encontrados.

Após o estudo e a hierarquização das informações de cada formulário, os campos foram diagramados a partir do tema, do dado a ser inserido e do espaço disponível.

6 TESTES

Dezoito modelos de formulários foram colocados à disposição do grupo escoteiro Ilha de Vitória para serem testados. Os arquivos foram gravados em CD's e distribuídos para os diretores e chefes, totalizando quatorze pessoas.

Uma palestra foi proferida e por meio dela informou-se como os usuários deveriam proceder para utilizar os documentos e distribuí-los para outros usuários, como pais e outros chefes.

A Chefe Sylvia Lessa foi a primeira a relatar problemas na utilização dos arquivos, pois quando tentava salvar os dados inseridos não obtinha sucesso. O Diretor Braun Toledo e a Chefe Maria Ivonete também relataram o mesmo problema.

Após uma análise dos formulários e novos testes detectou-se que o programa *Adobe Acrobat Reader* possibilita somente a leitura, a inserção de dados e a impressão dos formulários, não sendo possível salvar as informações adicionadas.

O problema não fora previsto, pois os formulários foram projetados e testados a partir do *Adobe Acrobat Professional* que permite ao usuário utilizar todos os recursos do programa, ao contrário da versão gratuita que é disponibilizada na internet.

Para resolver este problema foi realizada uma pesquisa na internet, que possibilitou a descoberta de um programa gratuito que atende aos requisitos de leitura, inserção e salvamento dos dados. Este programa é fácil de ser encontrado e transferido para os computadores pessoais. Em diversos testes realizados ele atendeu completamente aos requisitos citados. O programa em questão é o *Foxit Reader*, desenvolvido pela *Foxit Corporation*.

O *Foxit Reader* foi distribuído a todos os usuários, que passaram a utilizá-lo após serem informados sobre as limitações do *Acrobat Reader*. A partir de então houve sucesso na utilização dos formulários.

As diretoras Eliana Rigo, Ana Rita e Silvana Ronceti costumam tratar de assuntos administrativos com os pais e chefes. Devido ao tipo de trabalho que executam, preferiram imprimir alguns formulários, principalmente os de inscrição para novos membros e os de cobrança de mensalidades.



A proposta era que os formulários de inscrição, como os outros, fossem repassados em seu formato digital para que as pessoas os preenchessem e depois imprimissem, porém a realização de algumas tarefas do grupo escoteiro são melhor desempenhadas se os formulários estiverem impressos, possibilitando que os dados sejam inseridos manualmente.

Outra solicitação de alteração foi feita pelas chefes Sylvia Lessa, Maria Ivonete e Eliana Rigo, usuárias que mais utilizaram os formulários. Elas são as chefes responsáveis pela administração direta junto aos jovens e do grupo. As usuárias solicitaram que o campo cinza colocado para identificar os espaços de preenchimento dos formulários fossem retirados pois consideraram que este recurso consumia a tinta das impressoras, causando um ônus desnecessário.

O fundo cinza foi retirado e as usuárias não notaram nenhuma dificuldade para identificar os campos e os locais para inserção de informações.

Os demais chefes e dirigentes também fizeram uso dos formulários e poucos foram os que encontraram dificuldades. Alguns problemas relatados referiam-se à pouca intimidade com o uso de computadores, sendo que após alguma ajuda a maioria compreendia a forma de uso dos arquivos e não apresentavam mais problemas.

Os usuários relataram que houve melhoria na condução dos trabalhos após a adoção dos formulários pois estes facilitaram a administração, diminuindo a carga de trabalho na execução de algumas tarefas.

Elogiaram também novos formulários que foram desenvolvidos a partir das necessidades do grupo escoteiro. Um exemplo é o formulário de afastamento. Antes deste documento, os membros do grupo escoteiro informavam verbalmente que iriam se afastar de seus cargos e funções, o que criava alguns problemas para a administração do grupo. A necessidade de uma regra sobre o afastamento e de um formulário foi detectada. A regra e o formulário para colocá-la em prática foram feitos, solucionando um problema administrativo.

Decorrente da programação feita durante o projeto dos formulários, alguns documentos apresentaram problemas em seus campos, que ao terem um dado digitado, este aparecia em outro campo do formulário. A duplicidade de nomes na programação dos campos foi detectada e o problema foi resolvido.

Nenhuma outra dificuldade ou problema foi relatado pelos usuários, que continuam utilizando os formulários para as tarefas administrativas do grupo.

A experiência obtida a partir do uso dos formulários no Grupo Escoteiro Ilha de Vitória foi levada à Diretoria Regional, que autorizou que os formulários fossem repassados para os grupos escoteiros da Região. Os arquivos foram disponibilizados para 21 grupos escoteiros, ficando à disposição dos 800 membros registrados na Região.

ADEQUAÇÕES

Além das alterações sugeridas pelos membros do Grupo Escoteiro Ilha de Vitória, os formulários da Região Escoteira foram ajustados para que pudessem atender a todos os grupos do Estado.

As principais mudanças ocorreram na tipografia e no cabeçalho.

O *Manual de identidade visual e otimização da imagem* da UEB propõe a utilização de fontes da família *Officina Sans* e *Officina Serif* (UEB, 2010, p. 19):

As famílias *Officina Sans* e *Officina Serif* tem a clareza e a personalidade que desejamos passar em nossas mensagens.

Officina Sans é uma fonte moderna que combina facilidade de leitura com uma personalidade incisiva. Sua forma estreita permite um maior número de palavras por linha mantendo uma excelente legibilidade. Recomendada para textos curtos, títulos, chamadas, destaques.

Officina Serif é uma fonte com as mesmas proporções da *Officina Sans*, mas com um toque de tradição por suas terminações (serifas) quadradas que, por sua vez, lembram as famosas pinturas escoteiras de Norman Rockwell. Recomendada para textos mais extensos, títulos grandes e alguns destaques.

Procurando a adequação à proposta da UEB, os formulários utilizam a fonte *Officina Sans* com corpo 10 nos títulos dos campos. Apesar desta fonte não estar presente nos sistemas operacionais, ela pode ser incorporada no documento original sem que a diagramação original perca a configuração.

Os textos dos formulários, que são inseridos pelos usuários, utilizam fontes instaladas no sistema. Ao preencher o formulário a fonte que comporá os textos dos campos será a *Arial*, no corpo 11.

O cabeçalho também sofreu alterações, com a retirada do logotipo do Grupo Escoteiro Ilha de Vitória e a inserção, em seu lugar, dos logotipos dos escoteiros do Brasil e Região Escoteira do Espírito Santo.

A identificação dos grupos será feita a partir de um campo para a inserção do nome e outro para a inserção do numeral referente a cada grupo escoteiro.



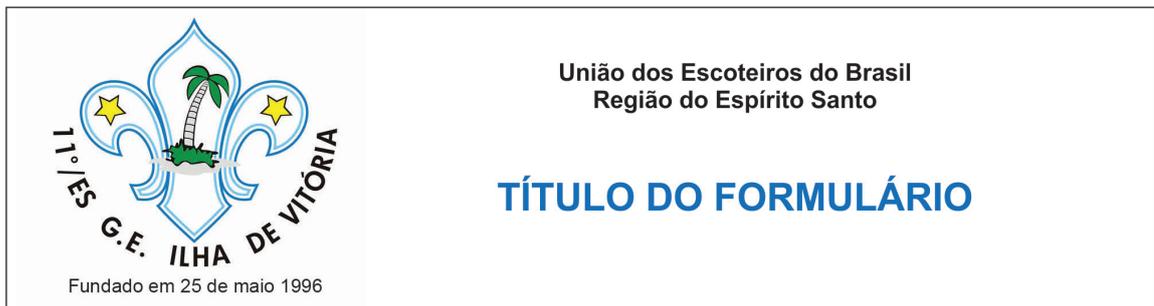
Em cada Região Escoteira do Brasil os grupos recebem numerais que compõem seus nomes. Os números são utilizados também nos uniformes como forma de identificação são fabricados em tecido, cortado em formato retangular, possuindo o fundo vermelho e o numeral em branco.

Pretendendo fazer uma relação com este símbolo, um campo de formulário com o fundo vermelho e formato retangular foi introduzido junto ao local reservado para o nome do grupo. A cor e o tamanho deste campo realçam o numeral inserido promovendo o destaque deste elemento.

Além das alterações citadas foram modificados os endereços. Trocaram-se as informações do Grupo Escoteiro Ilha de Vitória pelas da Região e um campo foi inserido para que os grupos coloquem seus dados de correspondência.

O título do formulário utiliza a fonte Officina Serif, no corpo 16, na cor azul. Esta cor faz-se presente no logotipo nacional e regional e é utilizada também de acordo com os estudos feitos para as cores.

A ilustração possibilita fazer uma comparação entre o cabeçalho desenvolvido para o Grupo Escoteiro Ilha de Vitória e o desenvolvido para a Região Escoteira.



CONCLUSÃO

Os problemas de administração no Escotismo estão presentes desde a fundação do Movimento, que vem dependendo do trabalho voluntário para executar os serviços administrativos e educacionais.

A contratação de profissionais para executar os trabalhos praticamente inexistente, restringido-se a poucos casos nas esferas regionais e nacional.

Aos voluntários são oferecidos cursos voltados para a gestão. A falta de pessoal qualificado e de ferramentas adequadas à gestão também oferecem problemas à boa administração, que precisa de estudos e ações para solucioná-los.

A partir do planejamento estratégico os ativos intangíveis (o capital humano, o organizacional e o da informação) definem metas e ações para que consigam operar em sinergia e resolvam os problemas presentes na organização.

Os formulários utilizados pelos grupos escoteiros fazem parte dos ativos intangíveis, porém, necessitam de projeto e estudo para que cumpram adequadamente a sua função no cotidiano administrativo dos grupos, servindo como meios de arquivamento, comunicação, autorização e solicitação.

Os principais problemas encontrados nos formulários devem-se à ausência de projeto, que, para vários estudiosos, é a essência do design.

A análise, a comparação dos formulários e a pesquisa em referências ligadas ao design possibilitaram um estudo do problema e a definição de um projeto gráfico que atenda às necessidades, além da proposição de uma utilização inovadora para os documentos, que é o seu uso a partir de meio digital e não só do impresso. Esta inovação exigiu estudos sobre os programas ideais para o uso dos formulários, sendo necessário que um treinamento fosse dado aos usuários para que compreendessem e aprendessem a utilizar estas novas ferramentas.

Os formulários foram testados por diversos usuários, que propuseram melhorias e apontaram dificuldades quanto à utilização dos arquivos. Os problemas foram solucionados e uma nova série de arquivos foi desenvolvida e disponibilizada para um número maior de pessoas que destes estão fazendo uso e já dão um retorno positivo sobre a facilidade, a segurança e a eficiência presentes nos documentos.



A divulgação dos formulários foi realizada de diversas maneiras, com palestras ministradas em reuniões de chefia e de diretoria do Grupo Escoteiro Ilha de Vitória.

Uma reunião para a apresentação dos formulários foi realizada com diretores regionais, que aprovaram a iniciativa e solicitaram o projeto de um formulário para uma nova necessidade da Região Escoteira do Espírito Santo, que era ter um documento que permitisse a análise das propostas enviadas pelos grupos, candidatando-se a realizarem atividades regionais.

O formulário *Solicitação para sediar atividades regionais* foi apresentado aos diretores que propuseram o lançamento do documento no Congresso Escoteiro Regional, ocorrido em setembro de 2010.

O lançamento dos formulários no âmbito regional ocorreu no congresso, que contava com a participação de mais de 70 membros que representavam cerca de 20 grupos escoteiros do Estado. Após a palestra, CD's com os formulários foram distribuídos aos representantes dos grupos presentes e os arquivos foram também disponibilizados para serem salvos em dispositivos como *pen drives*. Várias pessoas copiaram os arquivos e demonstraram interesse em utilizá-los em seus grupos.

A presidente do 25º Grupo Escoteiro Jequitibá, sediado em Aracruz, solicitou uma visita para que uma palestra fosse oferecida aos chefes do grupo, visando melhor aprendizado da utilização e possibilidade de sanar dúvidas *in loco*. Este grupo é o maior do Estado, com mais de 100 integrantes. É também considerado o que apresenta melhor gerência administrativa.

Formas de contato com o desenvolvedor do projeto foram divulgadas para sanar eventuais dúvidas futuras.

A conclusão deste estudo demonstra que, muito mais que o projeto de logotipos e embalagens, o design é responsável também por soluções que estão presentes no cotidiano e que muitas vezes não são percebidas conscientemente pelas pessoas.

A apresentação aos usuários de uma série de documentos padronizados e com projeto gráfico que privilegia a legibilidade, a facilidade na inclusão dos dados e a distribuição certamente é uma estratégia de marketing, pois pode transmitir a todos a idéia de organização, que é um dos pilares do Movimento Escoteiro. Este conceito de organização é importante para que os pais construam uma relação de confiança na entidade em que deixam seus filhos para serem educados por adultos voluntários.

Os estudos que permitiram projetar vários documentos ligados diretamente ao **capital da informação**, integrante dos **ativos intangíveis** junto com o **capital humano** e o **capital organizacional**, podem servir de referência tanto para



o Movimento Escoteiro quanto para estudantes, entidades ou empresas, que pretendam dar continuidade ao estudo ora apresentado, ou utilizá-lo como base para a elaboração de novos documentos.

O fato de várias empresas, organizações e repartições públicas fazerem uso de formulários e não darem a atenção necessária ao projeto destes documentos pode ser verificada facilmente. A utilização destes documentos, que na maior parte dos casos carecem de projeto adequado, coloca em risco a veracidade dos dados, prejudica a qualidade da informação e dificulta o trabalho administrativo.

O design permitiu que os formulários para os grupos escoteiros sejam as ferramentas ideais para que os outros ativos intangíveis sejam convenientemente acionados para o melhor desempenho de tarefas.

Graças ao design, os arquivos gerados alcançaram as expectativas iniciais deste projeto.

REFERÊNCIAS

ABTCP – Associação Brasileira Técnica de Celulose e Papel. **História do revestimento de papel e cartão no Brasil**. <www.abtcp.com.br/arquivos/File/HIST%C3%93RIA%20DO%20REVESTIMENTO%20DE%20PAPEL%20E%20CART%C3%83O%20NO%20BRASILrev.pdf>. Acesso em 5 de novembro de 2010.

ADOBE – Adobe Systems Incorporated. **PDF Technology Center**. Disponível em <www.adobe.com/devnet/pdf.html?promoid=DJHCG>. Acesso em 26 de setembro de 2010a. Tradução nossa.

ADOBE – Adobe Systems Incorporated. **Qual é a diferença entre o Adobe Acrobat e o Adobe Reader?** Disponível em <www.adobe.com/br/products/acrobat/reader.html>. Acesso em 26 de setembro de 2010b.

ALECRIM, Emerson. **Arquivos PDF**. Texto disponibilizado em 20 de junho de 2004 e atualizado em 23 de setembro de 2007. In: Info Wester. Disponível em: <www.infowester.com/arquivospdf.php>. Acesso em 26 de setembro de 2010.

ARNHEIM, Rudolf. **Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora: nova versão**. Tradução de Ivone Terezinha de Faria. São Paulo: Cengage Learning, 2008. 503 p.

BARONI, Luiz Carlos. **Impressos e formulários: manual do usuário**. São Paulo: Nobel, 1998. 237 p.

BORGES, Adélia. **Designer não é personal trainer: e outros escritos**. 2 ed. São Paulo: Edições Rosari, 2003. 179 p.

CARDOSO, Rafael. **Uma introdução à história do design**. 2 ed. São Paulo: Edgard Blücher, 2004. 239 p.

COELHO, Teixeira. **O que é indústria cultural**. Brasiliense. 14 ed. 1991.

COLLARO, Antonio Celso. **Projeto gráfico: teoria e prática da diagramação**. 4. ed. São Paulo: Summus, 2000. 181 p.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes. Tradução de Jefferson Luiz Camargo 2007. 236 p.



FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio do Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. totalmente revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FONTOURA, Ivens. **Arte e Design**. 2004. Disponível em: <www.designbrasil.org.br/portal/opiniao/exibir.jhtml?idArtigo=112>. Acessado em 27/04/2010.

GUIMARÃES, Luciano. **A cor como informação: a construção biofísica, lingüística e cultural da simbologia das cores**. São Paulo: Annablume, 3. Ed. 2004. 160p.

HESKETT, John. **Desenho industrial**. Tradução Fábio Fernandes. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006. 227 p.

HURLBURT, Allen. **Layout: o design da página impressa**. Tradução de Edmilson O. Conceição, Flávio M. Marfins. São Paulo: Nobel, 2002. 159 p.

KAPLAN, Robert S.; Norton, David P. **Mapas estratégicos – Balanced Scorecard: convertendo ativos intangíveis em resultados tangíveis**. 2004, Elsevier Editora Ltda. Tradução de Afonso Celso da Cunha Serra. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. 8 reimpressão.

KISS, Ellen. **O que é design briefing, afinal?** 2005. Disponível em: <www.designbrasil.org.br/portal/opiniao/exibir.jhtml?idArtigo=247>. Acessado em: 27/04/2010.

MCLUHAN, Marshall. **A galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico**. Tradução de Lenidas Gontijo de Carvalho e Anfonso Teixeira. São Paulo: Nacional. 2 ed. 1977. 390p.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. 14 ed. São Paulo: Cultrix, 2005. 408 p.

MUNARI, Bruno. **Artista e designer**. Lisboa: Ed. Presença, 1979. 132 p.

NAGY, Laszlo. **250 Milhões de escoteiros**. Tradução de Jairo Antunes da Costa. 1987. 243 p.

NIEMEYER, Carla. **Marketing no design gráfico**. 3. ed. Rio de Janeiro: 2AB, 2002. 64 p.

RUBIM, Renata. **Desenhando a superfície**. São Paulo: Edições Rosari, p. 83-86, 2005.

SAMARA, Timothy. **Grid: construção e desconstrução**. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2007. 208 p.

SUZANO – Papel e Celulose. **Termos utilizados na fabricação de papéis**.

<www.suzano.com.br/portal/main.jsp?lumPageId=40288091199A537301199A8A1296550C>. Acessado em: 07/11/2010.



UEB – União dos Escoteiros do Brasil. **Princípios, organização e regras**. Curitiba, 2009. 73p.

UEB – União dos Escoteiros do Brasil. **Manual de identidade visual e otimização da imagem**. Curitiba, 2010. 60p.

VILLAS-BOAS, André. **O que é [e o que nunca foi] design gráfico**. 5 ed. Rio de Janeiro: 2AB, 2003. 73p.

ANEXOS

As próximas páginas constituem-se dos formulários produzidos para os grupos escoteiros e dos formulários analisados.

A organização dos arquivos foi feita da seguinte forma: cada formulário projetado é seguido dos arquivos analisados, que foram mantidos na forma com que são distribuídos, apresentando erros de digitação, de português e diagramação.

Esta forma de organizar os documentos tem como objetivo a comparação dos novos arquivos com os que foram analisados (quando estes existirem).